

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Πηληϊάδεω Ἄγαθῶν
Μηνὶν Ἀεὶδε θεὰ Πηληϊάδεω

O CONTO DO CAMPONÊS ELOQUENTE

TELO FERREIRA CANHÃO

Universidade de Lisboa

No tempo do rei Nebkauré Kheti, Khuenanupu desloca-se do deserto líbio, do Uadi Natrun, ao Vale do Nilo para trocar os seus produtos por outros de que necessita. No caminho é agredido e roubado por Nemtinakht, filho do proprietário Iseri, um subordinado do grande intendente Rensi. Não conseguindo resolver o caso no local, dirige-se a Neninesu para apelar ao próprio Rensi, que fica impressionado com a qualidade do seu discurso e o comunica ao monarca. Por agradar de igual modo ao rei, vê-se então obrigado a fazer repetidos apelos à justiça – nove petições – que só com a intervenção do faraó acaba por lhe ser concedida. No fim conhece a razão que presidiu à demora da justiça, vendo compensada a sua verticalidade e teimosia, e castigados os que o tinham maltratado e despojado dos seus bens: *maat* foi restabelecida. Deliciemo-nos com este maravilhoso conto egípcio, pela primeira vez integralmente traduzido e comentado em português, directamente do texto hieroglífico, e cujo conteúdo nos permite privar com personagens de propecta idade e, sobretudo, nos abre a porta à sua forma de pensar e maneira de ser.

Introdução

R.1 Era uma vez um homem que se chamava Khuenanupu⁽²⁾. Era um camponês de Sekhet Hemat⁽³⁾. **R.2** Tinha uma mulher chamada Meret⁽⁴⁾. **O camponês disse à sua mulher:** «Olha! Vou descer **R.3** ao Egipto para trazer comida para as minhas crianças⁽⁵⁾. Vai pois e pesa-me a **R.4** cevada que está no celeiro, o que resta da cevada [do último ano]⁽⁶⁾. Então ele pesou para ela seis alqueires de cevada⁽⁷⁾.

R.5 O camponês disse à sua mulher: «Olha! [tu tens]⁽⁸⁾ vinte alqueires de cevada de provisões para ti e para as tuas crianças. **R.6** Queiras tu fazer-me desses seis alqueires de cevada pão e cerveja para cada dia em que estarei de **R.7** viagem⁽⁹⁾. O camponês desceu para o Egipto⁽¹⁰⁾ e carregou os seus burros **R.8** de juncos, **R.9** de plantas *redemet*⁽¹¹⁾, **R.10** de natrão, **R.11** de sal, **R.12** de madeira de [...]tiu⁽¹²⁾, **R.13** de varas de Taihu⁽¹³⁾, **R.14** de peles de leopardos, **R.15** de couros de chacais⁽¹⁴⁾, **R.16** de coentros⁽¹⁵⁾, **R.17** de pedras *anu*⁽¹⁶⁾, **R.18** de plantas *tenem*, **R.19** de plantas *kheperur*, **R.20** de *sahut*, **R.21** de *saksut*, **R.22** de plantas *misut*, **R.23** de pedras *senet*, **R.24** de pedras *abu*⁽¹⁷⁾, **R.25** de hortelã⁽¹⁸⁾, **R.26** de plantas *inbî*⁽¹⁹⁾, **R.27** de pombos, **R.28** de pássaros *narû*⁽²⁰⁾, **R.29** de pássaros *uges*, **R.30** de feno⁽²¹⁾, **R.31** de plantas *tebesu*, **R.32** de grãos *gengent*, **R.33** de «cabelos da terra», **R.34** de grãos *inset*, **R.35** uma quantidade de todos os bons produtos de Sekhet-Hemat⁽²²⁾. **R.36** O camponês foi **R.37** em direcção ao sul⁽²³⁾, em direcção a Neninesu⁽²⁴⁾ e chegou ao distrito de Perfefi⁽²⁵⁾, **R.38** ao norte de Medenit. Encontrou um homem **R.39** em pé sobre o dique cujo nome era Nemtinakht⁽²⁶⁾. Era o **R.40** filho de um homem chamado Iseri, um dos dependentes do grande intendente **R.41** Rensi, filho de Meru⁽²⁷⁾. **Então Nemtinakht disse** quando viu **R.42** os burros do camponês que agradavam ao seu espírito⁽²⁸⁾: **R.43** «Ah! Se eu tivesse algum ídolo através do qual eu pudesse apropriar-me dos bens⁽²⁹⁾ **R.44** deste camponês!» Ora, a casa de Nemtinakht era junto ao caminho **R.45** ribeirinho que era estreito. Não era tão largo **R.46** que excedesse a largura de uma peça de estofa⁽³⁰⁾; um dos seus lados **R.47** estava debaixo de água e o outro debaixo da cevada. **Então Nemtinakht disse ao seu dependente:** «Vai **R.48** e traz-me um bocado de pano de minha casa». E ele foi-lhe trazido imediatamente. **R.49** Então estendeu-o sobre o caminho na margem do rio, **R.50** assentando a sua franja sobre a água e a sua bainha **R.51** sobre a cevada. O camponês vinha andando no caminho de **B1.32** toda a gente⁽³¹⁾ e Nemtinakht disse⁽³²⁾: «Toma atenção, camponês! **B1.33** Não vais caminhar sobre as minhas roupas⁽³³⁾». O camponês disse: **B1.34** «Eu farei o que te agrada⁽³⁴⁾, (mas) o meu caminho é bom⁽³⁵⁾». **B1.35** Então ele foi para o lado de cima⁽³⁶⁾ e Nemtinakht disse: **B1.36** «Será que a minha cevada te vai servir de caminho?» O camponês disse: **B1.37** «O meu caminho é bom, a margem é alta, **B1.38** o caminho está debaixo da cevada e tu obstróis ainda o nosso caminho **B1.39** com as tuas roupas. Tu não permites que nós passemos **B1.40** pelo caminho?» Mal acabara de falar⁽³⁷⁾ quando um dos burros encheu **B1.41** a boca com um molho de cevada. Então Nemtinakht disse: **B1.42** «Olha! Eu vou ficar com o

teu burro, camponês, porque ^{B1,43} ele comeu a minha cevada! Vê, ele vai pisar grão por causa da sua ofensa»⁽³⁸⁾! ^{B1,44} E o camponês disse: «O meu caminho é bom. Sendo um ^{B1,45} lado impraticável, levei o meu burro sobre o (lado) interdito⁽³⁹⁾ e tu toma-lo ^{B1,46} porque ele encheu a sua boca com um molho de cevada! Aliás, eu conheço ^{B1,47} o senhor deste domínio. Ele pertence ao grande intendente Rensi, filho de ^{B1,48} Meru. E é justamente ele que pune todos os ladrões no país ^{B1,49} inteiro! Serei eu espoliado no seu domínio⁽⁴⁰⁾? Então Nemtinakht disse: ^{B1,50} «É este o provérbio⁽⁴¹⁾ que as pessoas dizem: ^{B1,51} “O nome do pobre só é pronunciado por causa do seu mestre”? Eu ^{B1,52} é que falo contigo e é o grande intendente que tu queres evocar!» ^{B1,53} Então pegou numa vara de tamargueira⁽⁴²⁾ verde⁽⁴³⁾ ^{B1,54} contra ele e fustigou-lhe todos os membros com ela. Apoderou-se dos seus burros ^{B1,55} que foram introduzidos no seu domínio, e logo o camponês se pôs a ^{B1,56} chorar muitíssimo pelo mal feito contra ele. ^{B1,57} Então Nemtinakht disse: «Não levantes a tua voz, camponês! ^{B1,58} Vê, tu vais em direcção à cidade do Senhor do Silêncio⁽⁴⁴⁾!» E o camponês disse: ^{B1,59} «Tu bates-me, roubas os meus bens e tiras-me até ^{B1,60} o queixume da minha boca! Ó Senhor do Silêncio, possas tu devolver-me ^{B1,61} os meus bens que então eu pararei de chorar para tua terribilidade»⁽⁴⁵⁾!

O camponês vai queixar-se ao grande intendente

^{B1,62} O camponês esperou uma semana inteira⁽⁴⁶⁾ apelando a ^{B1,63} Nemtinakht, mas ele não lhe prestou atenção. ^{B1,64} Então o camponês caminhou em direcção a Neninesu para apelar ao grande intendente ^{B1,65} Rensi, filho de Meru. Encontrou-o prestes a sair da porta ^{B1,66} de casa para descer até à sua barca oficial⁽⁴⁷⁾. ^{B1,67} O camponês disse: «Ah! Possas tu permitir ^{B1,68} que eu alegre o teu coração com este assunto⁽⁴⁸⁾. Será caso ^{B1,69} para me enviases o teu dependente que desejares, para que eu te o reenvie ^{B1,70} (com uma comunicação) sobre este assunto»⁽⁴⁹⁾. O grande intendente Rensi, filho de Meru, fez com que ^{B1,71} o seu seguidor predilecto fosse até ele, ^{B1,72} e o camponês mandou-o de volta com esta questão em todos os seus detalhes. ^{B1,73} E logo o grande intendente Rensi, filho de Meru, denunciou ^{B1,74} Nemtinakht aos magistrados que estavam com ele. Então eles disseram-lhe: ^{B1,75} «Provavelmente é um dos camponeses que veio junto de um outro como ele. ^{B1,76} Olha, isso é o que eles fazem aos seus camponeses que se dirigem ^{B1,77} para outros para além deles⁽⁵⁰⁾! Sim, é o que eles costumam fazer. É isto razão para que ^{B1,78} punamos

este Neminakht por causa de um pouco de natrão e ^{B1,79} de um pouco de sal⁽⁵¹⁾? Ordenemos-lhe que restituia aquilo ^{B1,80} e ele restituirá aquilo.»
^{B1,81} O grande intendente Rensi, filho de Meru, ficou em silêncio.
^{B1,82} Não respondeu aos magistrados nem ao camponês⁽⁵²⁾.

Primeira petição

^{B1,83} Então o camponês veio apelar ao grande intendente Rensi, filho de ^{B1,84} Meru, e disse⁽⁵³⁾: «Grande intendente, meu senhor! O maior dos maiores, ^{B1,85} guia de tudo o que existe e de tudo o que não existe⁽⁵⁴⁾! Se desceres para o Lago da ^{B1,86} Verdade⁽⁵⁵⁾ navegarás nele com uma brisa. ^{B1,87} O pano da tua vela não será arrancado; ^{B1,88} o teu barco não se irá atrasar; nenhum acidente afectará o teu mastro; ^{B1,89} as tuas vergas não se quebrarão; não te afundarás quando tocares em terra; ^{B1,90} não serás arrastado pelas águas; tu não experimentarás a malvez ^{B1,91} do rio; tu não verás um rosto que tenha medo. ^{B1,92} Mas os peixes deixar-se-ão apanhar rapidamente por ti, juntamente com o mais gordo dos pássaros. ^{B1,93} Porque tu és um pai para o órfão, ^{B1,94} um marido para a viúva, um irmão para a mulher divorciada, a tanga ^{B1,95} daquele que não tem a sua mãe⁽⁵⁶⁾. Permite que te faça ^{B1,96} neste país o nome acima de toda a boa lei: és aquele que é um guia vazio de rapacidade⁽⁵⁷⁾, ^{B1,97} aquele que é o mais vazio de vilania; ^{B1,98} aquele que aniquila a mentira; aquele que dá existência à verdade! Vem à ^{B1,99} voz daquele que apela. Eu falo para que tu entendas. Faz justiça, ó glorioso ^{B1,100} que glorifica aqueles que são glorificados! Destrói ^{B1,101} a minha miséria. Olha, eu (estou) oprimido pelo [... ...] desgosto! Vê, eu (estou) debilitado por causa dele! ^{B1,102} Examina-me; vê, eu (estou) na miséria»⁽⁵⁸⁾!

O grande intendente avisa o rei

Ora ^{B1,103} este camponês fazia este discurso⁽⁵⁹⁾ no tempo⁽⁶⁰⁾ da majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto ^{B1,104} Nebkauré, justo de voz⁽⁶¹⁾. E o grande intendente ^{B1,105} Rensi, filho de Meru, foi diante de Sua Majestade e disse: «Meu senhor, ^{B1,106} encontrei um destes camponeses bom orador na ^{B1,107} realidade⁽⁶²⁾. Ele foi despojado dos seus bens por um homem que está ao meu serviço. Vê, ^{B1,108} ele veio suplicar-me sobre esse assunto.» ^{B1,109} **E então Sua Majestade disse: «Se tu desejas ver-me de boa saúde** ^{B1,110} **deves retê-lo aqui sem**

responder a nada do que ele possa dizer. E para que ele continue **B1,111** a falar, cala-te⁽⁶³⁾. Então, que as suas palavras nos⁽⁶⁴⁾ sejam trazidas por escrito para que possamos ouvir isso. **B1,112** Mas assegura o sustento da sua mulher e dos seus filhos! Vê, um destes camponeses **B1,113** só vem ao Egipto (quando) a sua casa está vazia⁽⁶⁵⁾! Assegura também o sustento do próprio **B1,114** camponês. Tu farás com que lhe sejam dadas provisões, mas sem permitir que ele saiba **B1,115** que foste tu quem lhas deu.» E assim foram-lhe dados dez pães e dois jarros de cerveja **B1,116** por dia⁽⁶⁶⁾. O grande intendente Rensi, filho de Meru, dará isso. Ele dará isso a um amigo seu e é este quem **B1,117** lhas dará [ao camponês]. Então, o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandará ao governador de **B1,118** Sekhet-Hemat assegurar a alimentação da mulher deste camponês através de três galões⁽⁶⁷⁾ por dia.

Segunda petição

B1,119 **Então o camponês veio apelar-lhe uma segunda vez⁽⁶⁸⁾** e disse: «Grande intendente, meu senhor! O maior dos maiores! **B1,120** O mais rico dos ricos! Aquele em quem os grandes têm alguém que é o maior e os ricos **B1,121** têm alguém que é o mais rico⁽⁶⁹⁾! Leme do céu! **B1,122** Esteio da terra! Fio-de-prumo que suporta pesos! Leme, não te afastes! **B1,123** Esteio, não te inclines! Fio-de-prumo, não osciles! Um grande senhor **B1,124** toma (daquele que) não tem senhor e por causa disso pilha alguém isolado, enquanto a tua porção está em tua casa. **B1,125** Um jarro de cerveja e três pães, que mais precisas tu de dispensar para saciar **B1,126** os teus dependentes⁽⁷⁰⁾? Um mortal morre tão bem quanto os seus dependentes⁽⁷¹⁾! **Serás tu um homem da eternidade⁽⁷²⁾? Não é errado** **B1,127** a balança de mão inclinar-se, o pêndulo [da balança] desviar-se, um homem **B1,128** honesto mudar e desviar-se⁽⁷³⁾? Vê, a justiça escapa debaixo de ti expulsa do **B1,129** seu lugar! Os magistrados estão a proceder mal; a qualidade do discurso mostra parcialidade⁽⁷⁴⁾; **B1,130** os juízes roubam quando obtêm desonestamente. Isto quer dizer que aquele que deturpa o seu exacto significado **B1,131** fá-la [à justiça], portanto, vacilar. Aquele que deve dar o pão⁽⁷⁵⁾ falta na terra; aquele que torna as coisas fáceis **B1,132** faz ofegar; aquele que é mediador torna-se um saqueador; aquele que deve afastar **B1,133** a necessidade ordena que ela seja criada. O porto está ele próprio submerso; aquele que deve castigar o que está errado **B1,134** pratica o mal». **Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:** «Os teus bens **B1,135** são mais importantes para o teu coração

do que o meu dependente ser preso»⁽⁷⁶⁾? ^{B1,136} E o camponês disse: «O medidor dos montes de cereais defrauda em seu favor. Aquele que enche [os celeiros] para outro rouba os seus bens. Aquele que devia orientar-se segundo ^{B1,137} as leis comanda o roubo. Quem, portanto, reprimirá o mal quando aquele que deve repelir o defeito ^{B1,138} é precisamente aquele que permite os desvios? Um (parece) ser justo indo por vias ^{B1,139} tortuosas⁽⁷⁷⁾ e o outro coloca-se (claramente) do lado do mal. Encontras tu (aqui alguma coisa) para ti⁽⁷⁸⁾? **Corrigir é rápido**, o mal **dura muito tempo**. ^{B1,140} Uma boa acção volta ao seu lugar de ontem⁽⁷⁹⁾. É justamente o preceito: age ^{B1,141} para com aquele que age para fazer com que ele aja. Isto é agradecer a alguém por aquilo que ele faz, isto é evitar qualquer coisa antes ^{B1,142} de ser lançada, isto é dar uma instrução a alguém que é mestre artesão. Oh! Se num instante pudesse trazer a ruína, ^{B1,143} destruir a tua rede *rwi* de pássaros⁽⁸⁰⁾, diminuir os teus pássaros, destruir ^{B1,144} a tua caça de água⁽⁸¹⁾! Aquele que via tornou-se cego, aquele que ouvia tornou-se surdo, ^{B1,145} aquele que devia guiar tornou-se um falso guia⁽⁸²⁾! ^{B1,146} **(Eu) causei um *brw* e tu passaste por cima**⁽⁸³⁾? **Porque ages tu contra ti?** ^{B1,147} Olha, vê! Tu és forte e poderoso⁽⁸⁴⁾. O teu braço é activo ^{B1,148} e o teu coração é ambicioso. A piedade passou ao teu lado! Como é miserável ^{B1,149} o pobre homem que tu destruístes! Tu pareces um ^{B1,150} mensageiro de Khenti⁽⁸⁵⁾! Olha, tu superas ^{B1,151} a Senhora da Pestilência! Se não tens nada, ela não tem nada; se não há nada contra ela, não há nada contra ti; ^{B1,152} se tu não actuares, ela não actua! O senhor do pão deve ser clemente, a ^{B1,153} violência é para o criminoso⁽⁸⁶⁾. Roubar convém àquele que não tem bens, ^{B1,154} quando os bens são roubados pelo criminoso. Um mau comportamento daquele que não cumpre ^{B1,155} não deve ser proclamado. Ele procura por ele próprio (os seus meios de subsistência). **Mas tu estás saciado** ^{B1,156} com o teu pão e bêbado com a tua cerveja! Tu és rico com todas as coisas⁽⁸⁷⁾. ^{B1,157} O rosto do timoneiro está virado para a frente e o barco vai à deriva como ^{B1,158} ele deseja. O rei está no palácio⁽⁸⁸⁾, o leme está na tua mão ^{B1,159} e o mal está instalado à tua volta. Demorado é o (ofício) do queixoso! Profunda ^{B1,160} é a divisão⁽⁸⁹⁾! “O que é que se passa ali?”, pensarão⁽⁹⁰⁾. Age como um porto de abrigo⁽⁹¹⁾! ^{B1,161} O teu porto está tranquilo, (mas) olha, o teu cais está infestado de crocodilos⁽⁹²⁾! ^{B1,162} Que a tua língua seja justa (e) não te enganes. Um membro do homem ^{B1,163} pode ser a sua ruína⁽⁹³⁾. **Não digas mentiras! Vigia os magistrados!** ^{B1,164} Um cesto engorda os juizes⁽⁹⁴⁾! Dizer mentiras ^{B1,165} é o seu pasto, isto é uma coisa ligeira para o seu

coração. ^{B1,166} És o mais sábio de todos os homens e ignoras simplesmente os meus problemas⁽⁹⁵⁾? ^{B1,167} Tu que afastas todas as pequenas necessidades de água, vê, eu ^{B1,168} tenho um percurso e estou sem barco! Tu que salvas todo ^{B1,169} aquele que se está a afogar, (tu que salvas) o náufrago, socorre-me antes que chegues ^{B1,170} ao teu fim»⁽⁹⁶⁾!

Terceira petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma terceira vez e disse: ^{B1,171} «Grande intendente, meu senhor! Tu és Ré, senhor do céu, com os teus cortesãos. ^{B1,172} A subsistência de todos os homens vem de ti como ^{B1,173} a inundação! Tu és Hapi⁽⁹⁷⁾ que faz reflorescer os prados e fertiliza as terras ^{B1,174} exaustas. Destrói e castiga o ladrão, ^{B1,175} protege o pobre: não te transformes ^{B1,176} na vaga contra o queixoso! Presta atenção, a eternidade aproxima-se⁽⁹⁸⁾! ^{B1,177} Deseja viver muito tempo, de acordo com o provérbio: respirar pelo nariz é como fazer justiça⁽⁹⁹⁾. ^{B1,178} Pune aquele que deve ser punido e ninguém se aproximará da ^{B1,179} tua rectidão. Errará a balança de mão? ^{B1,180} A balança de suporte inclinar-se-á para um dos lados⁽¹⁰⁰⁾? Será Tot ^{B1,181} clemente? Se assim for, então tu podes fazer o mal! **Faz tu és o segundo** ^{B1,182} destes três⁽¹⁰¹⁾. Se os três são clementes, então tu podes ser clemente! Não ^{B1,183} respondas ao bem com o mal. Não ponhas uma coisa no lugar da outra. ^{B1,184} O (meu) discurso irá crescer mais do que a planta *snmyt*⁽¹⁰²⁾, ^{B1,185} mais do que o que é bom para o odor. Não respondas a isto, (pois) o mal destina-se ^{B1,186} a fazer com que o revestimento (vegetal) cresça⁽¹⁰³⁾ três ^{B1,187} vezes para fazer com que ele aja⁽¹⁰⁴⁾. Se tu manobres o leme de acordo com a vela ^{B1,188} a corrente arrasta(-te)⁽¹⁰⁵⁾ para fazer justiça. Tem cuidado ^{B1,189} que tu encalhas por causa da corda do leme! O equilíbrio do país ^{B1,190} é praticar a justiça. Não digas mentiras porque tu és grande. Não sejas ligeiro ^{B1,191} porque tu és (um homem) de peso⁽¹⁰⁶⁾! Não digas mentiras porque tu és a balança (de mão)! ^{B1,192} Não (te) desvies porque tu és a rectidão⁽¹⁰⁷⁾! Vê, tu não fazes senão como uma ^{B1,193} balança (de mão): se ela se inclina, também tu ^{B1,194} te inclinas! Não te desvies quando manobres o leme! Puxa ^{B1,195} a corda do leme⁽¹⁰⁸⁾! Não agarres quando agires contra o ladrão⁽¹⁰⁹⁾: ^{B1,196} não é certamente um grande, o grande que é ganancioso! ^{B1,197} A tua língua é o pêndulo (da balança), o teu coração os pesos (da balança), os teus lábios são os seus braços⁽¹¹⁰⁾. ^{B1,198} Se tu cobres o teu rosto contra o violento,

B1,199 quem então repelirá o mal⁽¹¹¹⁾? Vê, tu és como⁽¹¹²⁾ **B1,200** um miserável lavadeiro, um ganancioso que prejudica **B1,201** um amigo e abandona um dos seus íntimos em favor de **B1,202** um dos seus clientes. É seu irmão aquele que vem e lhe traz (presentes)⁽¹¹³⁾. Vê, tu és **B1,203** um barqueiro que atravessa todo aquele que paga, um justo **B1,204** cuja justiça está despedaçada. Vê, tu és como um chefe de armazém **B1,205** que não deixa passar o pobre imediatamente⁽¹¹⁴⁾. Vê, tu és **B1,206** um falcão⁽¹¹⁵⁾ para o povo, vivendo por cima dos pássaros mais **B1,207** fracos. Vê, tu és um carniceiro que se alegra com a carnificina, **B1,208** a mutilação não é nada para ele. Vê, tu és um pastor: então não é mau para mim **B1,209** que tu não saibas avaliar⁽¹¹⁶⁾? Tu mostras menos respeito do que o crocodilo **B1,210** voraz. Os lugares de refúgio faltam nas cidades de todo o país⁽¹¹⁷⁾. **B1,211** Ouvinte, na verdade tu não escutas! Deste modo, porque é que não escutas⁽¹¹⁸⁾? É porque hoje **B1,212** eu reprimi um agressor? O crocodilo retira-se⁽¹¹⁹⁾? Qual é, portanto, **B1,213** o teu lucro com respeito a isto? A secreta verdade será encontrada e fará cair **B1,214** a mentira por terra. Não faças planos para o amanhã antes de ele chegar! **B1,215** Ninguém sabe os males que há nele»⁽¹²⁰⁾! Ora este camponês fazia este discurso **B1,216** ao grande intendente Rensi, filho de Meru, à entrada do escritório⁽¹²¹⁾. **B1,217** Então (Rensi) fez levantarem-se dois servidores contra ele com chicotes e **B1,218** fustigarem-lhe todos os membros com eles⁽¹²²⁾. O camponês disse: «O filho de Meru **B1,219** continua a errar⁽¹²³⁾. O seu rosto está cego perante aquilo que vê, surdo àquilo que ouve, **B1,220** pouco sensato em relação ao que lhe mencionam⁽¹²⁴⁾. Olha, tu és como uma cidade **B1,221** sem governador, como uma companhia sem um chefe, como um barco **B1,222** sem capitão, uma associação sem o seu chefe! **B1,223** Olha, tu és como um polícia⁽¹²⁵⁾ que rouba, um governador que aceita (subornos), **B1,224** um superintendente de distrito que reprime a pilhagem e se torna o modelo para aquele que **B1,225** agiu (mal)»⁽¹²⁶⁾.

Quarta petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma quarta vez. Encontrou-o prestes **B1,226** a sair da porta do templo de Herichef⁽¹²⁷⁾ **B1,227** e disse: «Ó louvado, possa Herichef, do templo de quem tu vens, **B1,228** louvar-te⁽¹²⁸⁾! O bem pereceu. Não há nenhuma ligação a ele. **B1,229** A mentira foi atirada ao chão⁽¹²⁹⁾! Se a sua barca (já) regressou, **B1,230** como conseguiremos atravessar (o rio) quando isso é feito de má vontade⁽¹³⁰⁾? Atravessar **B1,231** o rio sobre as sandálias⁽¹³¹⁾ é fazer uma boa travessia?

Não! **B1,232** Quem é que agora dorme até o dia amanhecer⁽¹³²⁾? Perecer é caminhar **B1,233** na noite, viajar de dia é deixar um homem **B1,234** defender a sua própria verdade legal. Olha, não serve de nada **B1,235** dizer-te isto: “A piedade passou ao teu lado! Como é miserável o pobre homem **B1,236** que tu destruíste”⁽¹³³⁾! Olha, tu és um caçador **B1,237** que satisfaz o seu desejo⁽¹³⁴⁾, que está ocupado a fazer (apenas) o que lhe agrada, que arpoa hipopótamos, **B1,238** trespassa touros selvagens, pesca peixes e apanha no laço **B1,239** pássaros⁽¹³⁵⁾. (Mas) nenhum discurso rápido está livre de precipitação, **B1,240** não há ninguém leve de coração que seja pesado em relação aos seus apetites⁽¹³⁶⁾. Se fores paciente **B1,241** então conhecerás a verdade! Controla a tua escolha para **B1,242** o bem daquele que é introduzido humildemente⁽¹³⁷⁾! Nenhum homem apressado **B1,243** pratica a excelência, nenhum impaciente **B1,244** produz efeito. Possam os olhos ver, que o coração será informado⁽¹³⁸⁾! Não sejas cruel **B1,245** só porque és poderoso, assim o mal não te atingirá! **B1,246** Passa por cima de um caso e ele será dois⁽¹³⁹⁾. Aquele que come saboreia; **B1,247** aquele que foi posto em causa responde; aquele que dorme vê **B1,248** um sonho⁽¹⁴⁰⁾. Quanto ao juiz que merece **B1,249** ser punido, ele é um modelo para aquele que agiu (mal)⁽¹⁴¹⁾. **B1,250** Louco, olha! Tu estás a ser atingido! Ignorante, olha! Tu **B1,251** estás a ser interrogado! Despejador de água⁽¹⁴²⁾, olha! Tu estás a encalhar! **B1,252** Timoneiro, não deixes o teu barco à deriva! Distribuidor de vida, **B1,253** não (nos) deixes morrer! Tu, destruidor, não (nos) deixes **B1,254** perecer! Tu, sombra, não ajas como a luz do sol⁽¹⁴³⁾! Porto de abrigo, **B1,255** não deixes que o crocodilo (nos) apanhe⁽¹⁴⁴⁾! É a quarta vez que apelo para ti! **B1,256** Vou então passar todo o meu tempo com isto»⁽¹⁴⁵⁾?

Quinta petição

Então o camponês **B1,257** veio apelar-lhe uma quinta vez e disse: «Grande intendente, meu senhor⁽¹⁴⁶⁾! **B1,258** O pescador *khudu*⁽¹⁴⁷⁾ está [...]; [...]⁽¹⁴⁸⁾ **B1,259** ilude e mata o peixe *iy*; o pescador de arpão **B1,260** arpoa o peixe *aubeb*; o pescador *djabhu* **B1,261** vai contra os peixes *pakeru*; o pescador de rede⁽¹⁴⁹⁾ destrói o rio. **B1,262** Olha, nisso tu és como eles⁽¹⁵⁰⁾! Não roubes a um pobre **B1,263** os seus bens! Um fraco (homem) que tu conheces⁽¹⁵¹⁾. Respirar para **B1,264** o miserável (são) os seus bens; aquele que os rouba tapa o seu nariz⁽¹⁵²⁾. A razão pela qual **B1,265** foste nomeado foi para ouvir casos, para julgar entre as partes⁽¹⁵³⁾, para **B1,266** punir o gatuno. (Mas) olha, o

que ele faz é apoiar o ladrão! ^{B1,267} Tu que devias ser de confiança ^{B1,268} ages como um transgressor! Tu foste colocado como um dique ^{B1,269} para impedir o pobre de se afogar⁽¹⁵⁴⁾. Olha, tu és ^{B1,270} o seu lago que o inunda»⁽¹⁵⁵⁾!

Sexta petição

Então o camponês veio ^{B1,271} apelar-lhe uma sexta vez, e disse: «Grande intendente, meu senhor! ^{B1,272} Um senhor menospreza a mentira. Um criador da verdade cria ^{B1,273} o bem para toda a gente e destrói (o mal)⁽¹⁵⁶⁾! Como a saciedade ^{B1,274} quando vem acaba com a fome, o vestuário acaba com a nudez⁽¹⁵⁷⁾. ^{B1,275} Como o céu quando acalma depois de uma grande ^{B1,276} tempestade, aquece todos aqueles que têm frio. ^{B1,277} Como o fogo cozinha o que está cru. Como ^{B1,278} a água mata a sede⁽¹⁵⁸⁾. Vê por ti próprio⁽¹⁵⁹⁾: ^{B1,279} aquele que divide é um saqueador⁽¹⁶⁰⁾; ^{B1,280} o apaziguador cria o sofredor; aquele que deve ^{B1,281} remover os obstáculos é um criador de sofrimento⁽¹⁶¹⁾. ^{B1,282} Mas aquele que engana, diminui a verdade! Para satisfazer convenientemente a justiça, nem faltas ^{B1,283} nem excessos. Se tu adquires (qualquer coisa), então (dá-o) ao teu igual⁽¹⁶²⁾, ^{B1,284} “palrar”⁽¹⁶³⁾ (apenas) é desprovido de seriedade. ^{B1,285} Mas o meu sofrimento conduz-me à ^{B1,286} separação; a minha acusação provoca a partida. ^{B1,287} Não saberemos, na realidade, o que está no coração⁽¹⁶⁴⁾. ^{B1,288} Não sejas indolente! Age em relação à acusação⁽¹⁶⁵⁾! Se tu divides, quem juntará de novo? ^{B1,289} A vara de sondagem está na tua mão, como uma vara que abre (caminho) quando o infortúnio acontece na água! ^{B1,290} Se o barco encalha, então os seus salvados serão destruídos e a sua carga ficará no fundo ^{B1,291} de cada um dos bancos de areia⁽¹⁶⁶⁾. Tu és instruído, inteligente e completo, ^{B1,292} mas não no que respeita ao roubo! Tu devias ser o modelo de todos os homens, ^{B1,293} mas os teus casos oscilam de um lado para o outro! A honestidade engana ^{B1,294} todo o país⁽¹⁶⁷⁾! O jardineiro⁽¹⁶⁸⁾ do mal ^{B1,295} rega o seu jardim com crimes para fazer crescer no seu jardim ^{B1,296} a mentira, para regar de problemas (todo) o estado»!

Sétima petição

^{B1,297} Então o camponês veio apelar-lhe uma sétima vez e disse: ^{B1,298} «Grande intendente, meu senhor! Tu és o leme de toda a terra⁽¹⁶⁹⁾.

B1,299 A terra navega apenas sob o teu comando! Tu és igual a Tot, **B1,300** que julga sem pender para um lado⁽¹⁷⁰⁾. Senhor, sê paciente quando um homem te suplica **B1,301** em relação à sua causa legítima. Não te zangues: isso não é para ti! **B1,302** Aquele que é prudente tornar-se-á compreensivo⁽¹⁷¹⁾; não te alegres **B1,303** com o que ainda não chegou, nem com o que ainda não aconteceu! A indulgência prolonga a amizade⁽¹⁷²⁾: **B1,304** aquele que destrói um caso torna-se alguém que não sabe o que está no coração⁽¹⁷³⁾. **B1,305** Se a lei é subvertida e a ordem destruída, nenhum homem pobre **B1,306** pode viver: ele é roubado e a justiça não se dirige a ele⁽¹⁷⁴⁾. Além do mais, **B1,307** o meu corpo está cheio, o meu coração pesado⁽¹⁷⁵⁾! (Na verdade), o que sai do meu corpo deve-se **B1,308** ao seu estado! Tal como a brecha de um dique deixa que se escoem rapidamente as suas águas, também **B1,309** a minha boca se abre para falar! Então eu manobrei a minha vara [de conduzir o barco], eu deitei fora **B1,310** a minha água⁽¹⁷⁶⁾, eu despejei o que estava no meu corpo, eu lavei a minha roupa suja. **B1,311** O meu discurso está feito. A minha miséria acaba perante ti. De que mais **B1,312** precisas tu? A tua indolência faz-te seguir por mau caminho, a tua rapacidade **B1,313** enganar-te-á, a tua cobiça criar-te-á inimigos. **B1,314** Mas encontrarás tu outro camponês como eu⁽¹⁷⁷⁾? **B1,315** Um preguiçoso mantém um queixoso à entrada de sua casa? **B1,316** Não há nenhum silencioso que tenhas feito falar, nenhum adormecido que tenhas acordado, **B1,317** nenhum deprimido que tenhas animado, ninguém de boca fechada **B1,318** a quem a tenhas aberto, nenhum ignorante a quem tenhas feito um sábio, nenhum tolo a quem tenhas instruído⁽¹⁷⁸⁾. **B1,319** Os magistrados devem combater o mal, eles são os senhores do bem, **B1,320** os artifícios que criam o que é, que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada»⁽¹⁷⁹⁾.

Oitava petição

Então **B1,321** o camponês veio apelar-lhe uma oitava vez⁽¹⁸⁰⁾ e disse: «Grande intendente, meu senhor! **B1,322** Uma grande queda por causa da cobiça⁽¹⁸¹⁾. O rapinante não tem sucesso; **B1,323** o seu sucesso falhou. Tu és ganancioso: isto não é para ti. Tu roubas: **B1,324** não é benéfico para ti. Deixa um homem defender a sua própria verdade legal. **B1,325** A tua porção está em tua casa; o teu ventre está cheio; a medida de grão transborda. Ela transborda **B1,326** e o seu excedente espalha-se pelo chão. **B1,327** Ladrão, gatuno, saqueador⁽¹⁸²⁾! Os magistrados⁽¹⁸³⁾ que foram nomeados para **B1,328** reprimir o mal são um refúgio para o

agressor! Os magistrados foram nomeados para reprimir ^{B1,329} a mentira! Não ter medo de ti faz(-me) apelar para ti! Tu não entendes o meu coração! O homem silencioso ^{B1,330} que veio queixar-se a ti não tem medo daquele a quem suplica. ^{B1,331} E o seu irmão não te poderá ser trazido da rua⁽¹⁸⁴⁾! As tuas parcelas de terra estão no campo, ^{B1,332} o teu rendimento está na tua propriedade, as tuas provisões estão no celeiro. Os magistrados estão a dar-te ^{B1,333} e tu vais aceitando! Serás tu um ladrão? Trazem para ti ^{B1,334} e as tropas estão contigo na divisão das parcelas de terra! Faz justiça para ^{B1,335} o Senhor da Justiça, aquele que tem na verdade a justiça⁽¹⁸⁵⁾! ^{B1,336} Cálamo, rolo de papiro, paleta de Tot, ^{B1,337} mantém-te afastado do mal⁽¹⁸⁶⁾! A bondade daquele que é bom é boa ^{B1,338} para ele. A justiça é eterna: ela desce ^{B1,339} à necrópole com aquele que a cumpre! Ele é sepultado ^{B1,340} e a terra envolve-o, (mas) o seu nome ^{B1,341} não desaparece com ele, sobrevive⁽¹⁸⁷⁾; ele é lembrado por causa da (sua) ^{B1,342} bondade. Esta é a regra das palavras de deus⁽¹⁸⁸⁾. É uma balança de mão? ^{B1,343} (Então) não se pode inclinar. É uma balança de suporte? ^{B1,344} (Então) não pode pender para um lado⁽¹⁸⁹⁾. Olha, eu ^{B1,345} virei e outro (como) eu virá⁽¹⁹⁰⁾, dirige-lhe a palavra! ^{B1,346} Não respondas pondo em questão o homem ^{B1,347} silencioso⁽¹⁹¹⁾! Não ataques quem não (te) ataca! ^{B1,348} Tu não és piedoso; tu não estás a sofrer⁽¹⁹²⁾; tu não estás perturbado. ^{B1,349} Tu não me compensas⁽¹⁹³⁾ por este belo discurso ^{B1,350} que sai da boca do próprio Ré⁽¹⁹⁴⁾! ^{B1,351} Diz Maat. Pratica Maat⁽¹⁹⁵⁾ porque ela é grande. ^{B1,352} Ela é eficaz. Ela é duradoura. Ela decide a teu favor. Ela dá credibilidade. ^{B1,353} Ela conduz ao estado de bem-aventurado. A balança (de mão) ^{B1,354} inclina-se? É porque os seus pratos ^{B1,355} carregam coisas! Nenhum excesso é possível ^{B1,356} em relação ao normal⁽¹⁹⁶⁾. Uma acção vil não fará chegar ^{B1,357} ao porto aquele que for o último a alcançar a terra»⁽¹⁹⁷⁾!

Nona petição

^{B2,91} **Então** o camponês **veio** apelar-lhe uma nona vez⁽¹⁹⁸⁾ ^{B2,92} e disse: «Grande intendente, meu senhor! A língua dos homens ^{B2,93} é a sua balança de suporte, (mas) é a balança de mão que descobre ^{B2,94} as deficiências⁽¹⁹⁹⁾. Pune aquele que deve ser punido e (ninguém) se aproximará da tua rectidão⁽²⁰⁰⁾. ^{B2,95} [... ...] a mentira [... ...] as suas porções existem⁽²⁰¹⁾, ^{B2,96} mas a verdade regressa para a confrontar⁽²⁰²⁾. ^{B2,97} A verdade é propriedade da mentira, que a faz prosperar, estas não [... ...]»⁽²⁰³⁾. ^{B2,98} Quando a mentira se mete a caminho⁽²⁰⁴⁾,

ela perde-se, ^{B2,99} ela não atravessará na barca, não progredirá. ^{B2,100} Quanto àquele que se torna rico por sua causa⁽²⁰⁵⁾, ele não terá progeneritura, ^{B2,101} ele não terá herdeiro na terra. Quanto àquele que navega ^{B2,102} com ela, não aportará em terra. O seu barco não atracará ^{B2,103} no cais. Não sejas pesado, tu não és leve! ^{B2,104} Não sejas lento, tu não és rápido! Não sejas parcial, não escutes o ^{B2,105} (teu) coração⁽²⁰⁶⁾! Não cubras o teu rosto⁽²⁰⁷⁾ contra aquele que tu conhecestes! Não sejas cego em frente daquele que ^{B2,106} tu olhaste! Não rejeites aquele que vem suplicar-te⁽²⁰⁸⁾! ^{B2,107} Abandona esta lentidão em proclamar a tua sentença. ^{B2,108} Age por aquele que agiu por ti⁽²⁰⁹⁾. Não dês ouvidos a toda a gente quando um homem apela ^{B2,109} pela sua causa legítima⁽²¹⁰⁾. Não há “ontem” para o indolente⁽²¹¹⁾, ^{B2,110} não há amigo para aquele que é surdo à justiça, não haverá dias ^{B2,111} felizes para o aventureiro⁽²¹²⁾. Quando o acusado se torna ^{B2,112} um miserável e o miserável se transforma num queixoso, ^{B2,113} o adversário torna-se um assassino⁽²¹³⁾. Vê, eu fiz-te uma queixa ^{B2,114} e tu não a escutaste! Eu irei e farei uma súplica ^{B2,115} por ti a Anúbis»⁽²¹⁴⁾.

Conclusão

Então o grande intendente ^{B2,116} Rensi, filho de Meru, mandou dois servidores para o trazerem de novo. ^{B2,117} O camponês teve medo, pensou que o fossem ^{B2,118} punir por causa dos discursos que tinha feito e disse: ^{B2,119} «Um homem sedento aproxima-se da água, a boca ^{B2,120} de uma criança de mama estende-se para o leite, ^{B2,121} esta é uma morte que se desejou ver chegar, ^{B2,122} quando a sua morte vem devagar para ele»⁽²¹⁵⁾. Mas o grande intendente ^{B2,123} Rensi, filho de Meru, disse: «Não tenhas medo, camponês! Vê, ^{B2,124} o que foi feito contra ti foi para agires de acordo comigo»⁽²¹⁶⁾! Este camponês respondeu⁽²¹⁷⁾: ^{B2,125} «Pela minha vida⁽²¹⁸⁾! Comerei o teu pão e beberei a ^{B2,126} tua cerveja⁽²¹⁹⁾ eternamente?» O grande intendente ^{B2,127} Rensi, filho de Meru, disse: «Agora fica aqui ^{B2,128} e escuta as tuas queixas.» E ele fez ler⁽²²⁰⁾ [...] ^{B2,129} de um rolo de papiro novo cada petição segundo o seu conteúdo [... ..] ⁽²²¹⁾. ^{B2,130} E o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou-o entregar [o rolo de papiro] ^{B2,131} à Majestade do Alto e do Baixo Egipto Nebkauré, justo de voz. Isto foi mais agradável ao seu coração [do rei] ^{B2,132} do que todas as coisas que estão neste país inteiro. E Sua Majestade diz: ^{B2,133} «Julga tu próprio, filho de Meru»⁽²²²⁾. O grande intendente ^{B2,134} Rensi, filho de Meru, manda dois servidores para [trazerem Nemtinakht]⁽²²³⁾. ^{B2,135}

Então trouxeram-no e foi feito um inventário dos [membros da família]. ^{B2,136} Encontrou seis pessoas, como também [... ..], ^{B2,137} a sua cevada do Alto Egipto, o seu cereal, ^{B2,138} os seus burros, os seus porcos e [o seu] gado miúdo. [... ..] ^{B2,139} Nemtinakht [foi dado] ao camponês, [com toda a sua propriedade, ^{B2,140} todos] os seus [bens⁽²²⁴⁾, todos os] de[pendentes⁽²²⁵⁾ e tudo o que pertencia] ^{B2,141} a Nemtinakht. [... ..] ^{B2,142} E acabou, [do princípio ao fim, conforme o que se encontrou na escritura]⁽²²⁶⁾.

Notas

⁽¹⁾ A divisão exacta de linhas e colunas só é possível no texto egípcio hieroglífico devido ao facto de, muitas vezes, as mudanças de linhas ou colunas nos papiros serem feitas a meio de palavras, e devido às construções gramaticais egípcia e portuguesa não serem coincidentes. As frases ou palavras a negro estão escritas a encarnado no original. Entre parêntesis curvos encontram-se palavras que não foram expressas no texto original, mas que são subentendidas pelo contexto; entre parêntesis rectos encontram-se as traduções mais prováveis para as passagens não transliteradas ou explicitações de afirmações menos claras. Esta é uma versão revista e melhorada do conto egípcio que se encontra acompanhado da transcrição egípcia hieroglífica e da transliteração em T. F. CANHÃO, «*O meu caminho é bom*». *O Conto do Camponês Eloquentemente. Texto hieroglífico, transliteração, tradução comentada e análise de uma fonte documental*, Lisboa, dissertação de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas (Área de Egiptologia), F. C. S. H. da U. N. L., 2003. Nesta versão foram suprimidas 67 notas, e partes de outras, referentes especificamente à análise e tradução do egípcio hieroglífico. Desta dissertação foram já extraídos outros dois artigos que mereceram publicação nesta revista: T. F. CANHÃO, «*O Conto do Camponês Eloquentemente na literatura do Antigo Egipto*», em *Cadmo* (14), Lisboa, revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 125-143; T. F. CANHÃO, «*Datação e temática do Conto do Camponês Eloquentemente*», em *Cadmo* (15), Lisboa, revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, 2005, pp. 163-187.

⁽²⁾ Lit.: «Era este um homem do passado cujo nome era “Aquele que Anúbis protegeu”». É esta a única vez que aparece expresso o nome do camponês. Depois será sempre referenciado por «o camponês». Serve, no entanto, para moldar o seu carácter associando-o a Anúbis, divindade protectora ligada à morte e à necrópole (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1991, p. 1; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, Chicago (Illinois), Ares Publishers Inc., 1982, p. 88; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 3.^ª ed., 1994, pp. 100-102 e 454-455; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant» em *JEA* 9 (1923), Londres, The Egypt Exploration Society, p. 7; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens de l'époque pharaonique*, Paris, Libr. J. Maisonneuve, 1988, p. 47; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. A Book of readings. Vol. I – The Old and Middle Kingdoms*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1975, p. 182; E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*. Dissertation: Johns Hopkins University, Ann Arbor: University Microfilms, Baltimore, 1986, p. 100).

⁽³⁾ Lit.: «era um camponês da povoação do sal». Sekhet-Hemat é o Uadi Natrun, a Terra do Sal ou Vale do Sal, uma depressão natural a oeste do Delta, seis metros abaixo do nível do mar, que, com os seus oito quilómetros de largura, se estende por 50 quilómetros

de sueste para noroeste. Ainda hoje é uma região com vários lagos salgados, rica em cloretos, carbonatos e sulfatos. À mesma latitude de Alexandria e de Roseta, e na mesma longitude de Merimdé e de Aussim (Letópolis), fica a cerca de 80 quilómetros a noroeste de Guiza, donde, seguindo o rio, Heracleópolis dista cerca de 140 quilómetros, percurso total de aproximadamente 220 quilómetros da origem ao destino de Khuenanupu. Perry afirma tratar-se de uma distância excessiva para percorrer em seis dias (?). Depois de traduzir *šht-hmꜣt* por «pântano salgado» e tendo em conta a informação do afastamento do camponês para sul e o emprego da palavra *sdb* (R 8.2) – franja – pronunciada por Nemtinakht, vocábulo conhecido no dialecto actual do Faium, sugere a hipótese do camponês ser oriundo de uma localidade dessa área. Diz ainda que, se tanto o contexto como o cotexto permitem verter *šht-hmꜣt* como Oásis do Sal, então *šht* é oásis e, portanto, *šhty* poderá traduzir-se por oasiano. Contudo, independentemente do oasiano ser camponês, salineiro, caçador ou pequeno comerciante, o que efectivamente o papiro regista é, literalmente, «aquele que pertence ao campo», expressão que marca a sua condição social e que, no contexto do conto, constitui a linha de força a salientar como contraponto à voz dos grandes senhores. Finalmente, o simbolismo da condição de camponês, figura associada à cheia anual do Nilo, eterno recomeço da vida, como na «primeira vez», também não deve ter deixado de afluir à mente do autor. Tanto mais que lhe podemos associar o conceito de *maat*, como imperativo de consonância para regressar à normalidade (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; G. R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems (1940-1640 B.C.)*, Oxford, University Press, 1997, p. 75; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 182; P. VERNUS e E. LESSING, *Dieux de l'Égypte*, Paris, Imprimerie Nationale Éditions, 1998, p. 196; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, pp. 21 e 25; B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, Paris, Editions Autrement, 1998, pp. 19 e 129; B. TRIGGER et al., *Historia del Egipto Antiguo*, Barcelona, Crítica, 1997, pp. 358 e 420; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte ancienne*, Paris, Hachette Littératures, 1998, p. 171; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 102-103; *Mapa de Estradas 1:1 000 000 do actual Egipto*, da Cartographia Kft., Budapeste, 1999; *Mapa de Estradas 1:950 000 do actual Egipto*, Kümmerly + Frey, Berna, 1990).

(4) A apresentação da mulher de Khuenanupu, «Aquele que é amada», tem uma construção gramatical diferente: para o camponês emprega-se uma frase nominal *substantivo + pw + substantivo pretérito (s pw wn)*, para sua mulher é usada a forma verbal *ist sdm.f (ist wn hmt.f)*, o que dá a entender tratar-se de uma figura pontual e secundária (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 99; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170).

(5) Esta afirmação confirma o que se sabe através de outras fontes: a procura de comida e a fome foram tormentos que atravessaram o Primeiro Período Intermediário do princípio ao fim. Por outro lado, há aqui uma interessante mudança de pronomes sufixos relacionados com as crianças, cujo número se ignora: primeiro, na primeira pessoa do singular (minhas) e, mais à frente, na segunda e no género feminino (tuas). Perry explica que isso se deve à mudança de estatuto da mulher: sendo o marido o chefe de família, sobre o qual recai a solução dos problemas de bem-estar, quando se ausenta a mulher assume lugar preponderante em relação à família próxima, emergindo do seu papel secundário. Este facto atesta a importância social da mulher no antigo Egipto (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 105-106).

(6) Talvez o hieróglifo , que aparece em Parkinson e é omitido por De Buck, fosse o determinativo de *snf* () «último ano», como pretende Lichtheim (R. B. PARKINSON,

The Tale of The Eloquent Peasant, p. 1; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 88; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170).

(7) No texto lê-se «ele pesou para ela», o que poderá ser um erro do copista, já que não se ajusta ao contexto segundo o qual se deveria ler «ela pesou para ele». Contudo Gardiner manteve essa tradução: «então ele pesou para ela». O número que se lê nesta frase, normalmente tido como a totalidade, é de decifração duvidosa face ao estado de deterioração local do papiro. Na obra conjunta de 1908 sobre o Camponês Eloquente, Vogelsang e Gardiner, denotando eventual divergência de opiniões, ao transcreverem do hierático para o hieroglífico, deixam um espaço em branco, embora ao traduzirem o texto avancem um hipotético oito entre parêntesis rectos, que Donadoni vem a confirmar em 1967. Gardiner corrige a sua opinião em 1923 ao propor seis; Parkinson subscrive igualmente este número; Suys avança 20 na tradução e apresenta 26 entre parêntesis rectos, no texto hieroglífico (hipótese também sustentada por Lichtheim), número para o qual Parkinson diz não haver espaço. Como nas frases seguintes surgem os números dois e seis, parece não se terem levantado grandes dúvidas a Lefebvre. Para evitar polémicas ligadas à avaria, não condizentes com o carácter do camponês, e cálculos matemáticos especulativos, este autor aceita a confusão de pronomes, o que era vulgar neste tipo de documentos, concordando com o número oito, para o qual há espaço, mesmo na impossibilidade de uma leitura exacta. Suys ainda faz notar que Vogelsang e Gardiner discordavam entre si da leitura do número que se segue: o primeiro lia dois (o número avançado na obra conjunta) e o segundo lia 20 (expresso por Gardiner em 1923). Lefebvre e Donadoni concordam com o primeiro e Parkinson e Lichtheim com o segundo. Suys, embora especulando também, avançou entretanto uma interessante proposta. Começa por lembrar que o rasgão do papiro vai até ao princípio da linha, não permitindo, de facto, saber qual o espaço ocupado pelos caracteres que aí estariam, sendo por isso de admitir tanto o dois como 20. Afirma ainda, que os caracteres que se lêem dois podem também traduzir-se por 20 em medidas de capacidade, o que Allen confirma para textos hieráticos do Império Médio: os números de um a nove colocados depois da unidade de medida são multiplicados por dez. Propõe, então, a seguinte leitura: «Vai pois e pesa-me a cevada que está no celeiro, o que resta da cevada [da última estação]. Então ele mediu para ela 20 alqueires de cevada. Depois o camponês disse à sua mulher: «Olha, tu tens 20 alqueires de cevada de provisões para ti e para as tuas crianças; mas faz-me destes seis alqueires de cevada pão e cerveja para (as necessidades) de cada dia em que estarei de viagem». Embora o primeiro número 20 pareça forçado, o mais extraordinário desta proposta é que admitindo que só depois da mulher ter medido o todo, não expresso, o marido fez a divisão, e confirmando que o segundo número é 20 e não dois, então os pronomes passam a estar correctos. Embora o total seja 26 (6 + 20), com esta interpretação não há necessidade de o expressar num único número, sendo o número inicial (6) a parte que Khuenanupu separou da totalidade para fazer «pão e cerveja» e o seguinte (20) o que ficará em casa para alimentar a família. É também salvaguardado o carácter do camponês, que não se serve da maior parte para si. Será que Gardiner tinha razão nos números e nos pronomes, e que o escriba não cometeu qualquer erro? (F. VOGELSANG e A. GARDINER, «Die Klagen des Bauern» em A. Erman, *Literarische Texte des Mittleren Reiches, Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin*, I, Leipzig, J. C. Hinrichs, 1908, pp. 9 e chapa 1a; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 1; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 58; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; É. SUYS, *Étude sur e conte du fellah plaideur*, Roma, Pontificio Istituto Biblico, 1933, pp. 1-3 e 2*; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; S. DONADONI, *La Letteratura Egizia*, Milano, G. S. Sansoni e Edizioni Accademia, 1967, p. 88; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian. An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*, Cambridge, Cambridge University Press, 1.^a ed., 2000, p. 102).

⁽⁸⁾ Para este espaço deteriorado do papiro, Lichtheim propõe «tu tens»; Gardiner avança «*mt* [espaço] *nt*», achando impossível tratar-se de *wn* e *sp*; Parkinson abre um espaço mas propõe  (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 1 e 1a).

⁽⁹⁾ Lit.: «para cada dia em que eu viverei com ele». Os Egípcios usavam sistemas diferentes dos nossos, antigos ou modernos, para medirem volumes líquidos ou sólidos. A unidade que aqui traduzimos por alqueire era a medida *standard* para sólidos, em particular para o cereal: a *hk3t* (4,8 l). Equivalia a 10 *hmw* valendo cada um cerca de 0,48 l. A *hk3t* tinha diversos múltiplos: *hk3ty* ou «duplo *hk3t*» = 2 *hk3t* (9,6 l); *ipt* = 4 *hk3t* (19,2 l); *h3r* = 10 (48 litros). A partir das *hk3t* usavam regularmente numerais e fracções em textos hieroglíficos ou hieráticos (J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 102).

⁽¹⁰⁾ Lit.: «descer foi o que fez este camponês (para o Egito)». A construção *infinitivo + pw + sdm.n.f* é um tratamento literário de uma forma verbal semelhante ao nosso pretérito perfeito.

⁽¹¹⁾ Lefebvre diz que se trata de uma planta específica do Oásis e Parkinson de folhas de palmeira (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 58). A partir da linha 2.1 continuamos com o texto de R, confirmado até à linha 5.6 por Bt. Todos os manuscritos apresentam esta lista em colunas. Vogelsang e Gardiner, Suys (em colunas) e Parkinson (em linhas) fazem a transcrição para hieróglifos respeitando o afastamento original dos determinativos de cada palavra que, de facto, surgem afastados e colocados à distância em relação ao resto das palavras, como se de uma lista ou inventário se tratasse; De Buck apresenta-a em linhas consecutivas sem qualquer afastamento. Sobre a disposição original, Suys apresenta uma curiosa interpretação, embora algo estranha, afirmando que os caracteres assim dispostos, além de determinativos são «recapitulativos» como nas listas, traduzindo-os pelo seu valor pictográfico: *rdmt* – em molhos, sal – em grãos, couros de chacais – peles, *snt* – pedras, pombos – pássaros, etc. (F. VOGELSANG e A. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 1a; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 3-4; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 2-6; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89).

⁽¹²⁾ Pela terminação apenas, não é possível identificar esta região.

⁽¹³⁾ Lit.: «o país das vacas». *t3-ihw* é o Oásis de Farafra a cerca de 300 km a oeste do Vale do Nilo, aproximadamente à mesma longitude de Assiut. A variedade de produtos e o facto de entre aqueles que eram típicos do Uadi Natrun, como o natrão (carbonato de soda hidratado) e o sal (cloreto de sódio), existirem outros de diferentes proveniências, favorece a tese de que Khuenanupu era mais um pequeno comerciante do que um camponês ou salineiro (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 182; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 75).

⁽¹⁴⁾ A tradução corrente para esta palavra é lobo, espécie que não existia no Egito. De facto, o chacal era o seu parente local. Entre os animais domésticos surge também o cão, por vezes auxiliar do homem nas caçadas (P. F. HOULIHAN, *The Animal Word of the Pharaohs*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1996, pp. 44-45, 65, 72, 80-82).

⁽¹⁵⁾ O provável determinativo ou redundância em falta, não impede a decifração desta palavra. Com alguma reserva, Gardiner propõe-se traduzi-la por bambu; Lichtheim, Lefebvre e Suys optam por plantas *necha*; e Faulkner alvitra coentro, planta originária da Europa austro-oriental e da Ásia temperada, utilizada como condimento na alimentação e fármaco como estimulante e carminativo (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 170; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47;

É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 3; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1996, p. 261; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, vol. 7, [s.d.], p. 60, col. dir.).

⁽¹⁶⁾ A pedra *anu* não está identificada. Associa-se, normalmente, a uma pedra fina calcária. Desconhecemos as plantas *tenem* e *misut*, embora se admita que a primeira tenha sido utilizada no fabrico de cerveja e a segunda, por ter a mesma raiz de *misw* – ponta, bico, pico – possa ser um cardo. A planta *kheperut*, ainda por identificar e referida noutros textos, seria possivelmente uma droga. *Sahut* é um produto do qual nada se sabe. O termo *saksut* parece referir-se a um produto conotado com grãos, mas é igualmente desconhecido (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner S. A., 1997, pp. 48, 93, 162, 238).

⁽¹⁷⁾ As pedras *senet* e *abu* são desconhecidas. No espaço por identificar da segunda, Parkinson, Gardiner, Lichtheim e Lefebvre propõem . Neste caso ler-se-ia pedras *abau* (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 4; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 170; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 47).

⁽¹⁸⁾ Parkinson referencia as plantas *ibsa* como hortelã (*mentha*) silvestre e Menu apenas como hortelã. Há diversos tipos de hortelã, e as suas utilizações variam entre o uso gastronómico e o medicinal (*Ibidem*, p. 48; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 58; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*, p. 28; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 13, pp. 391-392).

⁽¹⁹⁾ As plantas *inbi*, embora conhecidas de outros textos, não estão ainda identificadas (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48).

⁽²⁰⁾ Lefebvre interroga-se se os pássaros *naru* (n'rw) não designarão as avestruzes (*niw*), segundo uma hipótese de Sethe (em *Aegyptische Lesestücke*, Leipzig, 1924 ou *Erläuterungen zu den Aegyptischen Lesestücken*, Leipzig, 1927). Os pássaros *uges* são desconhecidos (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48).

⁽²¹⁾ Para as plantas *uben*, Menu avança a designação de feno, mas as plantas *tebes* são desconhecidas. Os grãos *gengent* estão por identificar, sabendo-se no entanto do seu emprego medicinal. Segundo Lefebvre, *snw-t3*, é a designação de «cabelos da terra», tubérculos arredondados que nascem nas raízes do *Cyperus esculentus* L (junça comestível); para Faulkner, ainda que com alguma dúvida, é o fenacho, planta leguminosa utilizada como ração para o gado; Menu afirma tratar-se de uma referência genérica de plantas ou vegetação. Os grãos *inset* são conhecidos mas encontram-se por identificar (*Idem, Ibidem*; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 268; B. MENU, *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique*, pp. 60 e 214; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 11, p. 67, col. esq.).

⁽²²⁾ B1 começa logo depois do fim da lista. Mas R e Bt, embora com omissão de caracteres em várias palavras, apresentam a lista completa de produtos mas com uma diferença significativa: R apresenta 27 e Bt apenas 14. Aparentemente nenhuma é o original e apenas os oito produtos iniciais são comuns, o que leva a crer tratar-se dos que constavam da lista original. Estão associados em quatro pares masculino/feminino: dois vegetais, dois minerais, dois tipos de madeira e dois tipos de peles de animais. Nos três primeiros pares os géneros gramaticais estão expressos mas no último par essa associação surge de outra forma: as duas palavras são femininas mas os animais a que se referem são masculinos. Para além da óbvia dualidade, pilar da cultura egípcia antiga, há claramente uma

intenção mágico-religiosa inicial que posteriormente foi adulterada, associada à organização desta lista: o oito é o dobro da totalidade, portanto, redobrada intensidade. É, certamente, também uma referência às oito divindades criadoras, a Ogdóade, adoradas na «Cidade dos Oito», Hermópolis, o principal local de culto do deus Tot, na bifurcação do Nilo e do Bahr Yussuf. Quatro pares de quatro deuses-rãs cada um ligado a uma de quatro deusas-cobras, simbolizavam diferentes aspectos do caos antes da criação: Nun e Nunet, a água; Keku e Keket, as trevas; Hehu e Hehet, o infinito espacial; e Amon (homófono do deus tebano) e Amonet, o oculto. Parece-nos um apelo propositado do autor, um escriba com uma cultura ao nível dos sacerdotes ou do rei, que se entrega a uma tarefa literária e que necessita de todo o apoio para a sua concretização e divulgação. Os seis produtos adicionados em Bt também foram organizados em pares: dois tipos de pedra, dois vegetais e dois tipos de grão, por comparação com R de categorias diferentes dos anteriores. Aparentemente não há razão mágico-religiosa para este número. A não ser numa visão dualista levada ao extremo: como anteriormente a ideia de quatro foi duplicada, talvez o escriba responsável pelo papiro tenha agora duplicado o três, número da pluralidade, normalmente ligado à tríade Osíris, Ísis e Hórus, ou a qualquer uma das muitas tríades da religião egípcia. Os dezanove produtos adicionados em R não aparentam qualquer organização mágico-religiosa na sua origem e a sua disposição anárquica apenas nos mostra a vontade de um copista em demonstrar a sua erudição, possivelmente alimentada pela prática médica, uma vez que inclui plantas sobre as quais é consensual o uso terapêutico (E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 112-115; R. H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, London, Thames and Hudson, 1994, pp. 131-133, 137 e 142-145; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1995, p. 210; G. POSENER, *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, Paris, Fernand Hazan, 1998, pp. 196-197).

(23) Embora o determinativo seja G. P1, não nos parece correcta a tradução de Devanchelle «foi navegando para Sul», donde concluí que Khuenanupu fez parte da viagem de barco. De igual modo nos surpreende que com esta versão, se vincule a ideia de que «ir em direcção ao Sul» possa equivaler a «seguir a corrente», o que neste caso seria «navegar para Norte». Partindo de premissas incorrectas, fica falseado o restante raciocínio e a origem geográfica do camponês, que, em sua opinião, seria originário do sul de Heracleópolis, de Tarabiya, próximo da cidade de Oxyrhynchite (D. DEVANCHELLE, «Le paysan déraciné», em *CdE LXX (1995)*, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Elisabeth, pp. 34-40).

(24) Neninesu [*nni-nsu*] «a criança real» – mais tarde Henennesu [*hwt-nni-nsu*] «a casa da criança real», donde o copta *hnês*, depois o árabe *Ehnás*, nome da capital do 20.º nome do Alto Egipto, capital dos reis das IX e X dinastias. Esta cidade (apelidada na Época Greco-Romana de Heracleópolis Magna) faz hoje parte do *markaz* de Beni Suef (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 183; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 76).

(25) A construção *infinitivo + pw + ir.n.f* é semelhante a *infinitivo + pw + sdm.n.f*. Perfeti (*pr-fjī* «o domínio de Fefi») não está identificado, mas Parkinson, sem o explicar, avança a hipótese de se situar perto de Dahchur, a cerca de 80 km a norte da capital. Por seu turno, Grandet apresenta a hipótese de Perfeti ser apenas uma das leituras possíveis desse local, sendo Per-Iti outra, podendo assim ser Letópolis, já que, por vezes, esta cidade é designada por Per-lit. Haveria, contudo, uma troca de duas letras. Em todo o caso não deixa de ser uma hipótese a considerar, uma vez que Letópolis não só se situa junto ao Nilo como fica logo à saída da pista do percurso Sekhet-Hemat – rio Nilo. Medenit (*mdnit*), que Grandet traduz literalmente por dique, não é identificada por Lefebvre, que apenas e sem explicação observa que não se trata de Atfith. Perry e Parkinson contrariam-no. Para estes trata-se mesmo de Atfith (Aphroditopolis), capital do 22.º nome do

Alto Egipto, a cerca de 50 km a norte de Heracleópolis. Perry acrescenta ainda constituir característica do período heracleopolitano designar as pequenas localidades com nomes formados com *pr*, o que confirmámos com Clère e Vandier em duas estelas, uma pertencente a Djari e outra anónima (qualquer dos exemplos na terceira linha de cada reprodução). A nosso ver não é muito consistente tratar-se de Atfith, uma vez que todo o 22.^o nomo de que era capital se situava na margem oriental do Nilo e o percurso de Khuenanupu, aparentemente, desdobra-se na margem ocidental. Aliás, como o próprio Parkinson considera, ao desenhá-lo num mapa no seu livro *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems*. Outra questão duvidosa reside no facto de uma ser Letópolis e outra Atfith. Para estarem relacionadas deviam situar-se nas proximidades uma da outra e sem povoações de referência entre elas. As duas regiões são possíveis, mas, ao que julgamos, o problema continua por clarificar (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 76 e p. xxxiii; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 7; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte ancienne*, p. 171; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 523; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 7; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89; E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 117; J. J. CLÈRE e J. VANDIER, *Textes de la Première Période Intermédiaire et de la XI^{ème} Dynastie*, Bruxelles, Edition de la Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1982, pp. 14 e 44).

(26) Em Parkinson o hieróglifo é G. G7B () e forma-se a palavra Nemtinakht. Em Vogelsang e Gardiner, Suys e De Buck interpretam-no como sendo G. G26 (), formando-se a palavra Djehutinekhet, com o que Lichtheim e Perry não concordam. Aparentemente não há qualquer ligação contextual com a divindade do 12.^o ou do 18.^o nomos do Alto Egipto - *anty* (), excepto se a aproximação do camponês ao vale do Nilo, a partir do Oásis de Bahareia, passasse por Menat Khufu, no 26.^o nomo do Alto Egipto. Assim, para atingir Neninesu, passaria pelo 18.^o nomo, onde poderia ter ocorrido a desavença e onde, portanto, o nome do espoliador podia assimilar o nome da divindade local. Porém, parece não ter sido o caso. Já a inclusão de Tot no seu nome («O poderoso deus Tot») podia harmonizar-se pela negativa com o contexto, isto é, admitir que a atitude da personagem se opõe ao seu próprio nome: aparentemente poderoso e sem qualquer sabedoria. Num período de «crise da consciência» (S. DONADONI (ed.), *Testi Religiosi Egizi*, Torino, Unione Tipografico – Editrice Torinese, 1993, p. 185), seria uma espécie de caricatura reforçada por uma divindade poderosa. Parkinson, Lichtheim e Perry em virtude de uma diferente interpretação do hierático, em vez de Djehutinekhet apresentam o nome Nemtinakht («Nemti é poderoso»). Parkinson explica tratar-se de uma alusão a um deus menor, *nmty*, hipotética divindade protectora dos viajantes, não excluindo também a faceta irónica do nome. Perry afirma que se tratava de um epíteto comum no Império Médio, capaz de reforçar sarcasticamente a figura do opositor de Khuenanupu, acabando por ridicularizar todos os que se opuseram à justiça. Em suma, um texto elaborado com a pretensão de ser paradigmático, provavelmente escrito ou encomendado por um faraó com a intenção de o difundir por todo o Egipto como meio de conquista do poder perdido, não poderia colocar nesta situação o nobre e poderoso Tot, sempre defensor da verdade e da justiça (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 7; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 468 e 470; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 170 e 183; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 58 e 76; E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 119-120; F. VOGELSANG e A. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 2a e outras; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 4* e outras; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 461).

(27) Lit.: «o seu nome é Tamargueira». Não era invulgar no antigo Egipto dar às pessoas nomes de plantas. Mas neste caso haverá uma outra razão: será com uma vara de

tamargueira que Nemtinakht agredirá Khuenanupu (B1, 22). De facto, parafraseando Perry, é caso para dizer: «Tal pai, tal filho!». A função de grande intendente era um dos cargos oficiais mais altos da XII dinastia. Logo abaixo do faraó, dirigia os seus domínios, desconhecendo-se a sua existência nas dinastias heracleopolitanas, o que constitui mais um elemento a favor da datação dos papiros. É interessante a construção do «clima» do conto através dos nomes, condicionando-se o leitor a uma atmosfera de benevolente autoridade, «sugerindo que o bem e o mal estão inexoravelmente ligados», pois «filho de Meru» (*mrw s3*) é homófono do epíteto «Amado Filho» (*mrrw s3*), espécie de homem virtuoso. Numa perspectiva gramatical *mrw* é o masculino correspondente ao nome da mulher do camponês, *mrt*. A construção *s3 s pw* («era o filho de um homem») faculta ainda a informação que, do ponto de vista político, Nemtinakht, não sendo nobre de nascimento ou de estatuto social superior, era um indivíduo livre que gozava de certos privilégios. O hieróglifo G. H8 (𓆎) é o determinativo de ovo. Surge aqui numa situação específica criada no Império Médio, a partir da XII dinastia, com o aparecimento na escrita hierática do método invertido para expressar filiação, passando-se a fazer a contracção do G. G39 (𓆎). Contudo, a sua substituição pelo hieróglifo G. H8, segundo Gardiner, só ocorreria na XIX dinastia, não aparecendo mais cedo senão em situações convencionais, pormenor que, em papiros datados da XII e XIII dinastias, se torna impossível. Termina aqui a parte inicial que Lefebvre designa de «Introdução» e começa a que denomina por «Djehutinekht trata de obter discussão» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 58 e 76; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte ancienne*, p. 171; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 66 e 474; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 48; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 120-121).

⁽²⁸⁾ Embora *ib* se traduza literalmente por coração, era considerado pelos egípcios como centro das emoções, da memória e a fonte dos desejos humanos. Daí a nossa opção. T. Lopes na sua obra *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, insere-o no capítulo do homem intelectual (e não do físico), titulando um subcapítulo de: «O coração: sede da consciência» (M. H. T. LOPES, *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, Lisboa, Editorial Teorema, 1989, pp. 102-107).

⁽²⁹⁾ Não se trata de demonstração religiosa mas de um pensamento que traduz o desejo de uma ajuda mágica, através de uma estátua protectora de um deus e não de um amuleto qualquer (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 8; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 89).

⁽³⁰⁾ Lit.: «ele não era largo (ao ponto que) ele fosse mais forte que a largura (quer dizer: que passasse além da largura) de uma peça de estofa». Ou seja, a largura do caminho junto ao rio equivalia à largura do pano que Nemtinakht se preparava para aí estender. Devido à dificuldade em se saber hoje a medida exacta de «uma peça de estofa» daquele tempo, variando a sua largura entre os 50 e 430 cm, interessa reter apenas que o caminho era mesmo mais estreito do que o tecido, como se verá (E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 131-132). Contudo, refira-se que esta pode ser outra passagem em que se faz sentir a presença da magia. As palavras egípcias *isd* (peça rectangular de pano com franjas) e *hbs* (peça de vestuário) parecem sinónimas, uma vez que a primeira era usada como vestuário enrolada ao corpo e atada na frente. Neste caso, para atingir os seus fins Nemtinakht terá usado uma peça de vestuário e não um pano qualquer. Ora, «de acordo com os antigos, as forças espirituais do homem estavam ocultas nas suas roupas», pelo que «uma peça de roupa de homem cont[ínha] a sua identidade e simboliza[va]-a», dando resposta à questão que Nemtinakht pusera em R, 7.2, referida na nota anterior (N. SHUPAK, «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt: "The Tale of The Eloquent Peasant"», in *JNES* 51 n.º 1 (1992), Chicago, University of Chicago, p. 7).

(31) Um «caminho de toda a gente» é um caminho público. Embora Gardiner afirme existir uma distinção entre $r-w\dot{t}$ e $w\dot{t}$, traduzindo o primeiro por caminho e o segundo por estrada, não nos parece necessário fazer aqui essa diferenciação, chamando estrada a uma estreita e sinuosa passagem ribeirinha (cfr. A. GARDINER, «Notes as the Story of the Eloquent Peasant», in *PSBA* 35 (1913), London, The Society of Biblical Archæology, pp. 265-267).

(32) B1 só apresenta inscrições a encarnado a partir da 109.^a linha.

(33) Segundo Vogelsang e Gardiner, a quem se junta Parkinson, o papiro B1 apresenta nesta passagem uma frase negativa, n ($\overline{\text{---}}$), em vez da interrogativa exibida nos papiros R e Bt, in ($\overline{\text{---}}$). Também nos parece claramente $\overline{\text{---}}$. Contudo, assinale-se que a partícula interrogativa aparece por vezes abreviada apenas com o n ($\overline{\text{---}}$); como na escrita hierática $\overline{\text{---}}$ e $\overline{\text{---}}$ são muito semelhantes, uma caligrafia menos cuidada ou qualquer pequena deterioração podem suscitar engano, sobretudo na omissão do i ($\overline{\text{---}}$). Da linha 32 (8.4) à linha 209 (31.8) acompanharemos em paralelo estes dois papiros (F. VOGELSSANG e A. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 5a; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 10; M. C. BETRÒ, *Geroglifici. 580 Segni per Capire l'Antico Egitto*, Milão, Mondadori, 1998, pp. 59 e 163; D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions with jn and jn-jw in Old and Middle Egyptian*, Malibu, Bibliotheca Aegyptia I, Undena Publications, 1980, pp. 1 e 14, nota 81).

(34) Esta é uma fórmula comum de consentimento, frequente nas conversações dos antigos Egípcios, tanto entre iguais como na relação com superiores (E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 136).

(35) Esta exclamação, uma construção *sdm.f.*, é repetida três vezes seguidas, B1 34, B1 36-37 e B1 44.

(36) Tentando evitar problemas, depois de afirmar que o caminho é bom, isto é, público, Khuenanupu resolve passar pela sua parte interior, isto é, a que confina com os campos.

(37) Apenas o papiro R (9.3/9.4) exhibe esta frase. Com ela atinge-se a parte do conto em que Nemtinakht se apodera dos burros de Khuenanupu.

(38) O burro, domesticado no Egipto ainda no Pré-dinástico, é desde sempre um animal polivalente que ao longo dos séculos tem desempenhado múltiplas tarefas na agricultura e nos transportes egípcios. Nalgumas regiões, após a colheita, ainda hoje se utilizam animais para descascar cereais fazendo-os caminhar sobre eles. No Egipto Antigo não havia sistema monetário com moedas, ou seja, peças de metal cunhado, mas para evitar especulações foi adoptado um sistema que indexava os produtos a determinadas quantidades de metal em bruto, isto é, não cunhado. O cobre para as pequenas transações e a prata e o ouro para as de grande valor (I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 174-175 e 294). De qualquer modo, se havia determinados pesos de metal que fixavam o valor oficial dos produtos, «isso chega para falar de dinheiro, e por consequência de “venda” com toda a força do termo», como afirma A. Théodoridès. Servindo-se das palavras de E. Chassinat, este autor acrescenta que o Egipto dispunha de «um sistema monetário oficial, que entrava em jogo logo que a administração intervinha numa operação qualquer, aja ela como interessada, aja com o carácter de lhe dar um carácter legal. O fisco taxava o que era sujeito a contribuição numa soma avaliada em pesos de metal, que este [o contribuinte] pagava com o seu trigo, o seu vinho, o seu óleo e os animais da quinta; o artesão, com os produtos da sua indústria. O cobrador registava tudo cotando cada artigo à taxa da tarifa legal. As transações entre particulares, logo que

davam lugar a formalidades de ordem jurídica, eram submetidas à mesma regra de estimativa: a natureza do pagamento deixava-se à escolha das partes, mas o valor das matérias que constituíam o pagamento eram apreciados na base do padrão de metal» (A. THÉODORIDÈS, *Vivre de Maât. Travaux sur le droit égyptien ancien*, seconde partie, Bruxelles/Louvain-la-Neuve/Leuven, Société Belge d'Études Orientales, 1995, pp. 722-723). Por exemplo, a unidade de comparação que se designava por *arura* equivalia a 15 gramas de prata. Na XVIII dinastia o valor de um burro era de 23 a 26 gramas de prata, enquanto uma vaca variava entre 45 e 60, podendo atingir as 128, o de um porco, entre 4 e 6 e o de uma cabra entre 1 a 3. Na mesma época (período ramséssida), um escravo custava entre 27 e 36 gramas de prata (D. VALBELLE, *A vida no antigo Egipto*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1990, p. 73). Segundo Nemtinakht, a apreensão do burro destinava-se a pô-lo a trabalhar para si de modo a pagar o prejuízo, o que constituía prática legal dos tribunais egípcios. Era, entretanto, um valor muito elevado (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 140; cfr. B. MIDANT-REYNES, *Préhistoire de l'Égypte. Des Premiers Hommes aux Premiers Pharaons*, Paris, Armand Colin, 1992, pp. 198-202; P. F. HOULIHAN, *The Animal World of the Pharaohs*, pp. 29-33).

⁽³⁹⁾ Alguns egiptólogos vêem o determinativo G. V20 (𓂏), que aparece duas vezes, como o numeral dez. Resulta uma frase estranha com uma relação que nos parece desproporcionada: um burro pelo preço de dez molhos de cevada, cada um com o tamanho necessário para encher a sua boca. A hipótese de Grandet, dez *chenaty*, ainda nos parece mais desproporcionada, não havendo sequer confirmação do seu valor na época do conto (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 12-13; A. DE BUCK, *Egyptian Readingbook*, p. 90; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 49; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 171; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 59; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte ancienne*, pp. 45 e 171). Outros egiptólogos, nas palavras *hḏr(i)* e *šnꜥ* (var. *šnꜥꜣy*), entendem o carácter final que Parkinson identifica com o determinativo G. V20 (𓂏), como dois pronomes sufixos .s (𓂏). É o caso de Vogelsang e Gardiner, confirmado, posteriormente, por Gardiner e Wente. Resulta uma passagem de interpretação duvidosa; para outras leituras de B1 44-46 cfr. o artigo de Wente (F. VOGELSANG e A. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 5a; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 367; E. F. WENTE, «A Note on "The Eloquent Peasant" B1 13-15», in *JNES* 24 (1965), Chicago, pp. 105-109).

⁽⁴⁰⁾ Esta passagem afirma Nemtinakht como ladrão e apresenta Rensi como alguém dotado de capacidade para julgar. A expressão *tj r-drf* («no país inteiro»), que se repetirá ainda duas vezes (B1, 294 e B1, 298), constitui um reforço à ideia de que o texto terá sido escrito no Império Médio. Frequente em textos não-religiosos do início da XII dinastia, era um autêntico slogan político que reflectia e confirmava a recente reunificação do Egipto (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 142; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 402).

⁽⁴¹⁾ Em B1, 37 traduziremos a palavra *mdt* por «assunto». Defendem alguns autores que em ambos os casos se poderia traduzir por «assunto», uma vez que faz igualmente sentido e a tradução por «provérbio» não ocorre em qualquer outra passagem. Para melhor compreensão na língua portuguesa, preferimos seguir Faulkner e fazer esta diferenciação (D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions*, pp. 63-64; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 192).

⁽⁴²⁾ A tamargueira é uma planta cuja existência no Egipto está documentada desde o Paleolítico. A semelhança do patronímico de Nemtinakht referido anteriormente, Isry (*isry*), com a palavra tamariz (*isr*) insere-se na ideia da construção do carácter das personagens através dos seus nomes: a ligação de um acto violento ao seu patronímico caracteriza-o como um homem violento e sem escrúpulos (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 60

deixado abundância de alimentos (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 76; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte ancienne*, p. 171; F. T. MIOSI, «A possible referende to the non-calendar week», in *ZÁS 101* (1974), Berlin, Hinrichs'sche Buchhandlung/Akademie-Verlag, pp. 150-152).

(47) Barca *ḥrryt* é uma embarcação posta à sua disposição para o desempenho das funções oficiais, uma vez que *ḥrryt* significa «escritório», «sala de administração» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 50). Segundo Suys, este termo designa um órgão administrativo com origem no Império Médio, cujos documentos mencionam frequentemente «os chefes ou arautos do Arrit», ou «se os dados do nosso conto respondem à verdade histórica, ao tempo dos reis heracleopolitanos». De qualquer modo é um elemento susceptível de ajudar a estabelecer a data da origem do conto (É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 17). Tem efectivamente uma conotação jurídica, associada à prática dos juizes egípcios se deslocarem pelo país, para se inteirarem dos processos a julgar, numa possível alusão à existência de tribunais itinerantes. Outras referências há que corroboram esta ideia, embora se saiba que este tipo de embarcações podia ser usado em situações alheias à justiça e à administração, como, por exemplo, no transporte de cereais (N. SHUPAK, «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt», pp. 17-18).

(48) A expressão *swd ib* («alegrar o coração») é uma fórmula comum na correspondência egípcia que pode ou não ser alegre, uma vez que o seu significado corresponde a «fazer uma comunicação» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 50).

(49) Viver na capital, ter barca oficial e ser interpelado por meio de um intermediário, são evidências do seu alto cargo na administração, sinónimo por sua vez, de uma prestação judicial justa e rápida para pôr fim à desavença entre Khuenanupu e Nemtinakht.

(50) Os camponeses dos oásis eram fornecedores de determinados senhores no Egipto a quem deviam fidelidade para evitarem dissabores (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 9).

(51) Há aqui uma análise incorrecta por parte destes magistrados que, com a sua atitude, surgem como representantes da anarquia e da corrupção que se viveu no Egipto no Primeiro Período Intermediário.

(52) Com a sua reacção, a figura de Rensi é separada da dos seus auxiliares.

(53) Inicia-se a primeira súplica, seguida da participação de Rensi ao rei, que dará as suas ordens. Todas as petições serão introduzidas por uma frase narrativa onde pontuará sistematicamente esta construção gramatical, *sdm.in.f*, uma das quatro formas da flexão sufixal indirecta, como um passado narrativo. Em B1, só a II e a III petições têm a primeira linha totalmente escritas a tinta vermelha, o que não acontece com as I, IV, V, VII e VIII, havendo contudo outras frases a vermelho. Algumas dessas frases nem sequer estão totalmente escritas com esta tinta, não se vislumbrando qualquer padrão coerente ao longo dos quatro papiros para o uso da tinta encarnada. Em B1, umas vezes introduz algumas falas; outras algumas petições; outras ainda, destaca frases ou parte delas, que, quando muito, poderão representar uma espécie de mensagens e conselhos a seguir. Em R, as três petições (as três primeiras) iniciam-se e vermelho, incluindo na primeira o início da segunda frase, a expressão *dd.f*; na segunda e terceira petições, parte das frases iniciais está ilegível mas não parece haver dúvida que ambas estariam a vermelho. Em B2, nas três petições (as três últimas) apenas a pequena frase inicial *iw.in rf* surge a vermelho. Em R, no conto introdutório, observam-se marcadas a vermelho as mudanças de falas e a frase inicial *s pw wn*. Em Bt, apenas as 40 linhas iniciais do conto, nunca surge o vermelho. A acreditar no raciocínio de Parkinson sobre a relação entre os diversos papiros, é

provável que R seja o que se aproxima mais do original e que os outros sejam já variantes dos copistas.

(54) A expressão *iwtt ntt* é uma fórmula para dizer «tudo». Além do mais, insere-se numa frase retórica muito usada para referir a totalidade das coisas (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 153; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 9; R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 17).

(55) Este lago sagrado situado na capital egípcia das IX e X dinastias e que fontes de diversas épocas designam por Maaty de Heracleópolis, até ao momento não foi ainda localizado. A divindade local, *hry-š.f*, significa «aquele que está no seu lago». De certo modo, com a metáfora seguinte sobre a caçada, integramo-nos também na história local, através desta primeira alusão a *maat* (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 61 e 77; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 9; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 174-178).

(56) Destas quatro frases, as duas primeiras são expressões típicas das autobiografias do Primeiro Período Intermediário e dos Impérios Antigo e Médio; a terceira é mais rara e a quarta é um produto original do *Conto*. Provavelmente, ao apelidar Rensi de «tanga» (*šndyt*), esteve subjacente a ideia do simbolismo mágico inerente às vestes, na tentativa de fazer do grande intendente a «roupa protectora» dos órfãos. Uma vez que o verbo *wđf* significa «separar», por *wđt* podemos entender mulher «divorciada», (*Ibidem*, pp. 197-204; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 75; N. SHUPAK, «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt», p. 7).

(57) Este é o primeiro de quatro epítetos que Khuenanupu vai atribuir a Rensi, contrariamente aos cinco que Lichtheim e Perry reconhecem. É «uma titulação quase-real», já que a titulação real era exclusiva dos monarcas. Perry afirma mesmo que a expressão *iri rn* era «a frase técnica usada exclusivamente para estabelecer os cinco nomes da titulação real», nunca atribuída a outra pessoa (G. R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 77; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 183; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 207).

(58) Toda esta passagem apresenta uma forte implicação jurídica, denunciada por palavras e expressões normalmente tidas como termos técnico-legais do Egito antigo: *hrw* (apelar), *ddi-r* (aquele que apela), *šdm* (compreender para julgar), o óbvio *iri m3t* (fazer justiça), *dr* (destruir o mal), *ššir* (miséria de quem sofreu um desaire), *3tp* (oprimido), *ip* (examinar, avaliar) (*Ibidem*, pp. 210-215).

(59) A palavra *mdt* (discurso) também pode ser entendida com o sentido técnico-legal de «apelo» ou «alegação da defesa» (*Ibidem*, p. 232).

(60) É uma forma literária de empregar a palavra «tempo», com o sentido de época já passada.

(61) Provavelmente é Nebkauré Kheti, um dos últimos reis das dinastias heracleopolitanas. No conto traçam-se algumas características da sua personalidade e da monarquia em geral, de que trataremos em futuro trabalho (P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, Lisboa, Editorial Verbo, 2004, pp. 70-71; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 77; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 52).

(62) Mais uma palavra *mdw* (palavras, discurso), que também pode ser lida num sentido técnico-legal de «apelo» ou «alegação da defesa» (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 234).

(63) A aparente negligência deste caso que conheceremos a partir daqui, tem a sua origem nestas palavras do rei. Elas formam o suporte das nove petições e da justiça que acabará

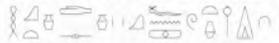
por chegar. Com elas, implicitamente o soberano aceita a inocência de Khuenanupu, despreza Nemtinakht e os conselheiros de Rensi, associa-se aos deuses e, por arrastamento, a Rensi. A regra do silêncio imposta ao grande intendente, já ele a tinha seguido em B1, 82, quando se votou ao silêncio perante os seus magistrados e Khuenanupu.

⁽⁶⁴⁾ Uma vez que o plural majestático não era usado no Egito antigo, quando o rei pronuncia «nós» refere-se, certamente, a si e aos seus cortesãos (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 52).

⁽⁶⁵⁾ Nesta frase devemos ler “*iw... ... r t3*” (lit.: «vem ao país») que significa «vem ao Egito». Em relação a *iri ʕnh* (lit.: «fazer vida», «providenciar vida», «fazer viver»), deve entender-se que só há vida em casa se houver meios de subsistência, provisões (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 10; E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 242-244).

⁽⁶⁶⁾ O *Papiro Westcar* contém uma série de contos maravilhosos escritos em egípcio clássico, provavelmente na XII dinastia, criados, aparentemente, como forma de entretenimento do rei Khufu, da IV dinastia. No terceiro conto, o príncipe Bauefré relata como uma certa jóia regressa, por meio da magia, do fundo do lago do palácio aos cabelos da sua dona que, sem medo, enfrentou o rei. No final, como expressão de agradecimento ao mágico que a recuperou, Djadjaemankh, «sacerdote leitor chefe e escriba dos livros», uma antiga personagem de relevo no tempo de Seneferu, Khufu diz: «Que sejam oferecidos mil pães, cem jarros de cerveja, um boi e duas medidas de incenso à majestade do rei Seneferu, justificado. E dêem-se um pão, um jarro de cerveja e uma medida de incenso ao sacerdote leitor chefe e escriba dos livros Djadjaemankh, por eu ter visto um exemplo do seu poder». Nesta passagem, enquanto a relação entre o pão e a cerveja oferecidos ao sacerdote leitor, pessoa de destaque que praticara actos relevantes, é de um para um referenciados à unidade, a relação da oferenda ao rei morto, deificado, passava a ser de dez para um e em milhares e centenas. Pão e cerveja, nas devidas proporções, para além de constituírem a base da alimentação dos egípcios, em especial dos mais pobres que apenas lhe acrescentavam alguns vegetais, eram elementos fundamentais das oferendas aos deuses e aos mortos, formando também o suporte dos salários no Egito. Além do mais, esta é mais uma passagem susceptível de identificar a data do texto original: os dez pães eram o salário diário de um trabalhador de Hammamat (Tebas) no reinado de Senuseret I, filho de Amenemhat I, co-regente com o pai e segundo rei da XII dinastia, expressamente citado noutro conto da mesma época, *A Aventura de Sinuhe*. É um pormenor da vida quotidiana no início do Império Médio, compulsado em fontes não literárias, que poderá ser mais do que uma coincidência. Segundo R. J. Leprohon, que comparou os números do Camponês Eloquente (onde não temos nem um para um, nem dez para um, mas uma proporcionalidade intermédia de cinco para um: dez pães para dois jarros de cerveja) com os de uma lista datada do ano 38 do reinado de Senuseret I, encontrada no Uadi Hammamat, os trabalhadores das pedreiras no Império Médio recebiam cada um, dez pães por dia. Estendendo as suas comparações a 61 outras listas que G. Goyon reuniu na obra *Nouvelles Inscriptions rupestres du Wadi Hammamat*, publicada em Paris, em 1957, conclui que era essa a quantidade de pães que qualquer trabalhador recebia nessa época. Contudo, há uma grande discrepância em relação à cerveja: os trabalhadores vulgares, recebiam com os seus dez pães 1/3 de jarro de cerveja por dia, enquanto Khuenanupu recebia dois jarros. Por seu lado, os altos funcionários, como, por exemplo, o intendente da grande magistratura (*imy-r pr n d3d3t ʕ3t*) e o intendente do tesouro (*imy-r pr n pr-hd*) recebiam dois jarros de cerveja, mas com 50 pães diários. Se esta diferença se justifica pelo simples facto de a uma maior responsabilidade corresponder um maior salário, que justificação podemos encontrar para Khuenanupu receber por dia tanta cerveja? Ainda que em forma de interrogação, Leprohon, avança a hipótese de se tratar de um subterfúgio para manter o camponês de «língua solta», de modo a proporcionar-lhe um

bom desempenho na sua função de entretenimento. De facto, esta poderá ser uma boa justificação para as atitudes excessivas tomadas por um «simples» camponês perante um alto funcionário, mas não esqueçamos que já antes Khuenanupu tinha demonstrado possuir um forte carácter. Por outro lado, num texto que enumera uma grande e variada quantidade de oferendas no túmulo I de Assiut, da XII dinastia, consta na linha 314 da grande parede este situada no lado norte da porta de entrada, a seguinte oferenda:

 , *hnkt ds 2 kfnw t-hd 10*, dois jarros de cerveja e dez pães de «pão branco». São exactamente as mesmas quantias deste conto. Este facto embora faça cair por terra a interrogação de Leprohon e ensombre a sua teoria, só por si não nos esclarece, uma vez que a oferenda é enumerada e não explicada. Talvez uma leitura integral do texto hieroglífico de Griffith permita chegar a alguma conclusão categórica a este respeito (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 215-217; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 77-80; R. J. LEPROHON, «The Wages of the Eloquent Peasant» in *NSSEA* 5, N.º 1 (1974), Toronto, The Society for the Study of Egyptian Antiquities, pp.4-6; E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 245; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 78-81; E. CASTEL RONDA, *Los Sacerdotes en el Antiguo Egipto*, Madrid, Alderabán Ediciones, S. L., 1998, pp. 211-213; L. M. ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp. 201-202, 393-394; F. L. GRIFFITH, *The Inscriptions of Siût and Dêr Rifeh*, London, Trübner and Co., 1889, chapa 8, coluna 314; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 292).

(67) Há aqui uma dificuldade na decifração dos papiros que determina diversas hipóteses. Seguimos a que Parkinson apresenta, ainda que a sintaxe egípcia comum coloque o três depois de *hkt*, que, segundo Gardiner, significa galão, uma medida para cereais equivalente a 4,54 litros. Por seu lado, Allen sem traduzir a palavra, que afirma equivaler a 4,8 litros, avança a seguinte informação: para textos hieráticos do Império Médio, os numerais colocados antes da unidade de medida são multiplicados por 100. Ora, tal medida diária (400,8 litros) não se afigura congruente, pelo que, embora contrariando o dado anterior (vide supra notas 7 e 9), consideramos aqui um hipotético lapso sintáctico do escriba, pelo que optamos por não substituir o 3 por 300, já que 4,54/4,8 litros por dia de cereais, não sendo quantidade excessiva, parecem razoáveis para três ou quatro pessoas naquelas condições (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 198 e 508; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 102).

(68) Inicia-se a mais longa das nove petições que marca iniludivelmente a mudança da narrativa para o discurso.

(69) Com esta invocação da grandeza e riqueza de Rensi, Khuenanupu envolve o grande intendente no seu caso, definindo-o como pessoa privilegiada à qual se assacam responsabilidades. Acrescenta de imediato uma série de metáforas que traduzem a sua autoridade absoluta e universal, sem deixar de admitir pela primeira vez que até um homem como Rensi é susceptível de errar. Terminará descrevendo o erro como uma grande catástrofe («o porto submerso») e Rensi como o seu autor: «aquele que deve castigar o mal pratica o mal».

(70) «Alguém isolado» refere-se aqui a Khuenanupu, e o «grande senhor» personaliza Neminakht. Deste modo o camponês associa Neminakht a Rensi, com um grande elogio a este: se o seu dependente era um «grande senhor», ele era ainda maior. Por outro lado, veicula mais uma vez um apelo à responsabilidade de uma pessoa poderosa como Rensi que, perante «alguém isolado», em vez de lhe fazer justiça lhe oferece «um jarro de cerveja e três pães» o que, evidentemente, não o satisfaz. Esta dádiva, por não corresponder e ser mesmo inferior às quantidades mencionadas, parece-nos um estereótipo, sinónimo de «umas migalhas», provavelmente a ração mínima dos mais necessitados. Por

outro lado, leva-nos a crer que as porções referidas deviam ser suficientes, funcionando como medida padrão do salário de um camponês na escala de pagamentos reais. A palavra *nwʒw* caracteriza os dependentes do ponto de vista social, económico e político, isto é, de origem humilde, que nada possuem e estão submetidos a alguém (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 267-268).

(71) Esta perspectiva de mortalidade é, de imediato, aproveitada para pôr em causa o desejo de eternidade de Rensi, tentando inculcar-lhe algum temor num claro endurecimento do discurso.

(72) Esta é uma ideia de sentido múltiplo: a mortalidade do homem é igual quer para o rico quer para o pobre; e do ponto de vista social diferenciavam-se os homens da eternidade dos «mortos vulgares».

(73) Três imperativos na forma negativa para três exemplos de injustiça. A metáfora da balança para a justiça será desenvolvida em várias passagens posteriores. Para nos mantermos fiéis tanto quanto possível a Parkinson, escrevemos a palavra *mbh* () com o carácter G. E12, um porco, por ser ele o animal que mais se assemelha ao quadrúpede não identificado que se encontra no papiro. Poderá tratar-se de uma hiena, uma vez que parece ter uma série de listas no dorso. O determinativo usual na escrita desta palavra é *Δ*, G. D54 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 299).

(74) Lit.: «está posta sobre um lado». Para Khuenanupu o seu caso põe em risco a credibilidade ancestral da justiça e do sistema judicial egípcio. A palavra *srw* designa os oficiais da justiça que trabalhavam na dependência do vizir. Não deve ser confundida com *sdmyw*, os juizes. A primeira designa a função e a segunda o nome oficial do título (E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 272-273).

(75) É uma forma de dizer «dar a vida», sobrevivendo através das provisões. Recordemos que foi através do sopro das próprias asas que Ísis ressuscitou Osíris. Em termos jurídicos significa «dar a liberdade». É o início de uma série de frases sobre a «doação da vida» com largo exemplo de expressões jurídicas, a partir de B1, 129: *sr*, *sdmy*, *rdi-ʒw*, *psšw* e *dr-sʒ(i)r* são diversos tipos de juizes (*Ibidem*, pp. 275-277; FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 236 e 303).

(76) Lit.: «A tua grandeza em bens é importante para o teu coração mais do que o meu dependente ser preso?» Com esta ameaça/provocação Rensi consegue que o camponês continue o seu discurso no qual, cada vez mais, envolve Rensi e, simultaneamente, vai clarificando as ideias.

(77) É expressa a ideia de que *hʒhb* se opõe a *mʒr*.

(78) Esta resposta de Khuenanupu, afirmação clara de que o mal e a hipocrisia estão instalados na sociedade por causa da inoperância da justiça, termina com a acusação do envolvimento de Rensi no roubo.

(79) Isto é, tudo o que fosse bem feito não seria esquecido. Entre os Egípcios antigos, recordar ou esquecer o «ontem» eram processos vulgares de descrever como atitude moralizadora a gratidão ou a ingratidão, relativamente a algo realizado no passado. São ideias que se ligam com os conceitos de tempo e história egípcios, que serão abordados no início do terceiro capítulo, (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 12; A. GARDINER, «Notes on the Story of the Eloquent Peasant» in *PSBA 36* (1914), The Society of Biblical Archæology, London, pp. 17-18; A.-S. VON BOMHARD, *Le Calendrier Égyptien. Une Œuvre d'Éternité*, London, Periplus, 1999, pp. x-xi e 4; E. HORNUNG, *L'esprit du temps des Pharaons*, Paris, Philippe Leband Éditeur/Éditions du Félin, 1996, pp. 147-163; P. VERNUS,

Affaires et Scandales sous les Ramsès, Paris, Éditions Pygmalion/Gérard Watelet, Paris, 1993, pp. 159-172; P. VERNUS, *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, Paris, Librairie Honoré Champion Editeur, 1995, pp. 35-54).

⁽⁸⁰⁾ Usualmente a frase *pn^c m rwi.k* traduz-se por «destruir a tua vinha» (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 174; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 12; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 55). Mas Perry, Parkinson e outros não perfilham a mesma opinião. Filiando-se na ideia de que o carácter G. M43 () substitui por vezes o determinativo de rede (por exemplo, na palavra *ḳdt*), passam a adoptar a frase *pn^c m rwi- ḳdt.k*, traduzindo-a por «destruir a tua rede *rwi* de pássaros» (Perry) e «destruir a tua rede de pássaros» (Parkinson). Contudo, se nos parece correcto acrescentar *ḳdt*, o mesmo não acontece com a supressão de *rwi*. Esta perspectiva aproxima-se muito mais da cultura e conceitos dos antigos egípcios (na magia dos números, o três representa a pluralidade), não obstante a dificuldade em captar o sentido do que está expresso: uma tripla repetição de um tema – aves – como alusão simbólica a conceitos expressos no conto, em particular de *maat*, em vez da enumeração de um tema agrário e dois do foro ornitológico, aparentemente desconexos e carregados de um significado de destruição, sem qualquer outra mensagem subliminar. As cenas de pesca e caça, abundantemente representadas em diversos túmulos, não só pertenciam ao leque de actividades quotidianas dos egípcios, como traduziam toda uma linguagem simbólica, há muito reconhecida como um dos estádios de transformação para o renascimento do defunto (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 64; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 289-291; R. H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, pp. 131-133 e 142-143; L. MANNICHE, *Egyptian Luxuries. Fragrance, aromatherapy, and cosmetics in pharaonic times*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1999, pp. 104-106).

⁽⁸¹⁾ Procurando atrair a atenção de Rensi, Khuenanupu deseja-lhe uma desgraça para que através dela avalie o sofrimento em que se encontra.

⁽⁸²⁾ Ver, ouvir e guiar são características inerentes à função dos juizes, aqui aplicadas de forma bastante violenta e exibindo o lado negativo do «princípio da reciprocidade»: para quem praticou o mal apenas se deseja o pior.

⁽⁸³⁾ Gardiner não tem dúvidas sobre a palavra de que se trata – é *ḥbrw* – H acrescentando apenas a convicção de a quarta letra se lhe afigura ser mais um *r* do que um *d*. Mas, tal como Lichtheim e Lefebvre, não a traduz. Para Parkinson, sem qualquer outra referência a essa utilização, a palavra *ḥbrw* é sinónima de *nbt*, que significa cesto, e, daí, depositário. Para si, a primeira parte de B1,146 translitera-se *ḥbrw in tr snb.k* e traduz-se por «Depositário, tu não foste longe de mais?» Trata-se de uma alusão à sua opulência, numa nova associação entre riqueza e responsabilidade. Neste caso falta de responsabilidade que, como julga Khuenanupu, é criminosa e autodestrutiva. Embora discordemos em parte, é Perry que nos oferece uma nova perspectiva ao apresentar a hipótese de transliteração *di.n(i) brw in tr snb di.n.k*, que altera por completo a inteligibilidade desta passagem. O verbo *di*, variante de *rdi*, surge repetido, primeiro numa flexão sufixal indirecta, na forma *sdm.n.f*, como um passado simples e, depois, numa «construção coloquial» *in + partícula enclítica + substantivo + sdm.f relativo*; por seu lado *tr* é entendido como partícula enclítica. A palavra *brw/bdw/btw* é desconhecida; *snb* significa literalmente «saltar por cima» (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 24a; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 64 e 79; F. VOGELSANG e A. GARDINER, «Die Klagen des Bauern», chapa 9a; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», pp. 12 e 23; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 174; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 55; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 295-296; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 55-56, 148-149, 188-189, 590; R. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 231).

⁽⁸⁴⁾ Embora Rensi seja forte e poderoso, sendo duplamente obrigado a cumprir *maat*, a quem agrada a piedade (*sf*) e se opõe a ambição (*rwn*), há aqui uma distinção entre poder pessoal (*nht*) e poder político-administrativo (*wsr*).

⁽⁸⁵⁾ O «pobre homem» é o próprio Khuenanupu que compara agora Rensi a um mensageiro de Khenti, o temível deus-crocodilo Khentikheti, e à deusa Sekhmet. Como tinha já procedido com o «Mestre do Silêncio», Khuenanupu evitou tratar estas divindades pelo nome para não atrair maus presságios.

⁽⁸⁶⁾ «O senhor do pão» é uma expressão que significa «o homem com rendas» ou «o homem com bens» ou, ainda, «o homem abastado». Ao contrapor «senhor do pão» e «criminoso», «clemência» e «violência», não só avulta a questão da culpabilidade (a violência é para o criminoso a clemência para o «senhor do pão»), como se introduz uma componente social: quem não precisa de roubar e o faz, não age de acordo com a sua condição; aquele que rouba para sobreviver merece desculpa. B1,153 a 217 apresenta-se em colunas de linhas horizontais.

⁽⁸⁷⁾ Ou seja: tu és rico porque tens tudo. O papiro apresenta aqui dificuldades de leitura, mas parece ser a palavra *srw* que se encontra entre *m* e *nbw*, independentemente da sua correcção ortográfica, uma vez que o carácter G. S28 () não é utilizado normalmente nesta palavra e, em seu lugar, é usual G. Z1 () (*Ibidem*, p. 248).

⁽⁸⁸⁾ Lit.: «dentro de casa», «no interior».

⁽⁸⁹⁾ Khuenanupu relaciona a demora de resolução do seu modesto caso com uma complexidade que não existe e que apenas resulta da morosidade de Rensi.

⁽⁹⁰⁾ Com esta pergunta, Khuenanupu tenta dar a entender a Rensi que a opinião pública lhe será desfavorável devido à lentidão em resolver o seu problema, obrigando-o a prolongar as diligências.

⁽⁹¹⁾ Khuenanupu tenta ainda cativar Rensi demarcando-o dos juizes corruptos e de todos os corruptos que o rodeiam.

⁽⁹²⁾ No imaginário egípcio um juiz imparcial é considerado um refúgio, e um juiz ávido um voraz crocodilo (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 13).

⁽⁹³⁾ A palavra *rmw* significa, de facto, «verme», e a frase transmite-nos que ele poderá significar a sua destruição. Neste caso, a palavra verme ou traduz um tom depreciativo ao comparar uma língua destrutiva a um verme desconhecido igualmente devorador, ou exprime em sentido figurativo o equivalente a «língua venenosa» de cobra, em oposição a «língua justa». Não é mais do que um vulgar paralelismo ainda hoje usado, embora com adaptações diversificadas.

⁽⁹⁴⁾ É uma referência à facilidade de corrupção de juizes com um simples cesto de fruta ou de vegetais. Esta frase relaciona-se com a seguinte, uma vez que *sm* significa pasto, vegetais, ervas ou plantas. Os juizes nutriam-se de mentiras desde que «alimentados» pelos presentes daqueles que, independentemente da justiça, pretendiam os julgamentos resolvidos a seu favor. É a denúncia do mal que se opõe à justiça.

⁽⁹⁵⁾ O sinal \emptyset marca um «sujeito zero» (na transliteração), característico da predicação de situação em frases introduzidas por determinadas formas gramaticais (elementos introdutórios como *iw*, o verbo *wnn/wn*, a negação *nn*, a interrogação *in* ou os pronomes relativos *nty* e *iwty*) onde o sujeito se não encontra claramente expresso. Corresponde, normalmente, a um pronome pessoal neutro. A construção do verbo *hm* com a preposição *m* é uma situação pouco vulgar. Além do mais, é um verbo transitivo que tem um complemento directo que surge «sem intercepção de uma preposição». É uma situação que pode

ter sido criada para enfatizar o verbo e, portanto, o sentido da frase. (D. P. SILVERMAN, *Interrogative Constructions*, p. 25). É de tal modo recente esta marcação, que não consta ainda em qualquer das gramáticas consultadas, embora se encontre já o sinal ∅ para assinalar omissões nalgumas publicações mais recentes (A. LOPRIENO, *Ancient Egyptian – A Linguistic introduction*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, pp. 159-161 e 202-205; M. COLLIER e B. MANLEY, *How to read Egyptian hieroglyphs*, London, British Museum Press, 1999, p. 133).

⁽⁹⁶⁾ Também neste final, os argumentos do queixoso voltaram a servir-se da temática náutica. O final da linha 167 e a linha 168 do papiro B1 correspondem no papiro R às frases 26.4, 26.5 e 26.6, diferentes das primeiras e construídas de modo a aumentar a carga dramática do final deste segundo discurso.

⁽⁹⁷⁾ Hapi não é a deificação do Nilo, que os Egípcios conheciam apenas por *iterw* – o rio – e cujo nome, de etimologia incerta, provavelmente atribuído pelos Gregos, mas a inundação deificada do Nilo. Não se trata, portanto, de divinizar o curso de água, mas o «Espírito do Nilo, sua essência dinâmica», a dicotomia dar/tirar a vida ao Egípcio e aos Egípcios: torna verdes e férteis os campos com a sua chegada e provoca o contrário com a sua partida. É representada por um homem de farto abdómen, vestido à semelhança dos pescadores dos pântanos e rodeado de plantas aquáticas (G. POSENER, *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, pp. 187-190; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 118).

⁽⁹⁸⁾ A «eternidade» será alcançada apenas depois de passar o Julgamento de Osíris. Com o seu comportamento, Rensi põe em risco a possibilidade de atingir a «vida eterna».

⁽⁹⁹⁾ Isto é, fazer justiça é tão simples quanto respirar.

⁽¹⁰⁰⁾ A balança de pratos equidistantes como símbolo (universal) da justiça. Na palavra *mḥꜣt*, surgem algumas dúvidas sobre o determinativo final que, com mais frequência, é G. U38 () ou variantes. Em todo o caso, tanto *mḥꜣt* como *iꜣsw* podem apresentar diversos determinativos como H. U91 () ou G. U39 (), entre outros. M. H. Ducros publicou dois interessantes artigos sobre balanças egípcias. Descritas em pormenor, inclusive com as medidas dos diversos componentes, estão separadas por tipologias: no primeiro artigo descreve as balanças de suporte e, no segundo, as balanças de mão. É neste último que ficamos a saber que os camponeses quando não dispunham de balança, se serviam dos próprios braços estendidos lateral e horizontalmente para comparar o peso de dois produtos. A este propósito apresenta uma interessante figura recolhida numa representação astronómica: uma personagem sentada com os dois braços abertos em forma de cruzeta, cuja cabeça foi substituída por uma pluma de avestruz, isto é, a pluma que simboliza Maat. É a prova inequívoca de que já os egípcios adoptavam a balança como símbolo de justiça (M. H. DUCROS, «Étude sur les balances égyptiennes» in *ASAE* 9 (1908), Le Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, pp. 32-53; M. H. DUCROS, «Deuxième étude sur les balances égyptiennes» in *ASAE* 10 (1910), Le Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, pp. 240-253; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 14 e 115; N. GRIMAL, J. HALLOF e D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*, Utrecht, Publications interuniversitaires de recherches égyptologiques informatisées, I, Centre for Computer-aided Egyptological Researchs, Utrecht University, 2000, p. 2 U-4).

⁽¹⁰¹⁾ No egípcio antigo, «segundo» quer dizer «o igual». Khuenanupu propõe então que Rensi se iguale às três últimas interrogações feitas por si. Trata-se de uma nova comparação divina, agora com Tot deus que tutela a justiça, além da sabedoria e da escrita. Mas é também uma afirmação sarcástica, pois ao admitir que Rensi poderá incorrer no mal, admite a mesma possibilidade a Tot. Não é por acaso que o número três é utilizado. Para

além de se tratar da terceira petição, este número e seus múltiplos, tinha para os antigos Egípcios toda uma simbologia mágica ligada à pluralidade. Não é por acaso que uma das formas de construção do plural de uma palavra se opera através de um determinativo, o carácter G. Z2 (𓆎), constituído por três traços! Do mesmo modo acontece com as tríades divinas, ou as três formas da divindade solar: Khepri, Ré e Atum. Ou ainda com a divisão do ano egípcio em três estações e os meses em três grupos de dez dias cada! E não se esgotam aqui os exemplos (cfr. R. H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art*, pp. 126-147).

⁽¹⁰²⁾ Planta não identificada de rápido crescimento ou de grande envergadura, à qual Khuenanupu compara o seu discurso.

⁽¹⁰³⁾ Revestimento que impede a disseminação do odor.

⁽¹⁰⁴⁾ Referência ao facto de ser já a sua terceira petição, isto é, a terceira vez em que o mal foi «regado».

⁽¹⁰⁵⁾ Um barco mal manobrado será difícil de dirigir, enquanto o contrário o levará a bom porto. É mais uma imagem literária forjada com terminologia náutica, para comparar uma boa navegação a uma justiça equilibrada.

⁽¹⁰⁶⁾ Isto é: «não queiras passar despercebido porque tu és um homem importante». Pertence a uma sequência de frases negativas que reforçam a carga dramática do texto e dão expressão à urgência de resolução do problema.

⁽¹⁰⁷⁾ O primeiro segmento de cada uma destas quatro frases, ou frase principal, está na forma negativa (*m* + *complemento verbal*), sendo a segunda parte uma frase causal (*wi.k* + *construção do «pseudoparticipio»*, nas duas primeiras e *ntk* + *substantivo*, nas duas segundas) e formando um conjunto de instruções directas ao comportamento dos juízes, para se manterem em conformidade com *maat* (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-236).

⁽¹⁰⁸⁾ As instruções continuam, agora apelando ao imaginário náutico.

⁽¹⁰⁹⁾ Isto é, não te apropries daquilo que o próprio ladrão roubou. Continua, portanto, o aconselhamento sobre a conduta moral de quem administra a justiça.

⁽¹¹⁰⁾ Khuenanupu não se satisfaz com a comparação homem/balança, chegando ao ponto de comparar os componentes de um e de outro. Evidentemente que os órgãos humanos são aqueles que os antigos Egípcios ligavam directamente com o poder de decisão (o coração), a construção e transmissão de decisões (língua e lábios) e os componentes da balança que permitem conferir qualquer valor (pêndulo e pesos), expresso pela posição final dos braços.

⁽¹¹¹⁾ A palavra *hwrw* conotava-se com criminosos políticos, em particular no período heracleopolitano (E. PERRY, *A critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 335).

⁽¹¹²⁾ Quando uma frase começa por *mk tw m*, este último marca a comparação (cfr. G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1955, p. 247; cfr. J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 84). Aqui o discurso sobe de tom, iniciando-se uma série de acusações directas, mas mantém algum sarcasmo quando afirma que Rensi é como o barqueiro que só atravessa quem paga, numa invocação dos textos das autobiografias, tão em moda no Primeiro Período Intermediário, onde os seus virtuosos autores, entre diversos auto-elogios, afirmavam terem atravessado grande números sem nada cobrar (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 81).

⁽¹¹³⁾ Há aqui três questões a assinalar: uma sócio-económica, outra jurídica e outra política. A primeira informa-nos que a profissão de *rhty* era das menos consideradas na escala

social e aberta à tentação, provavelmente por isso mesmo, de vender a força de trabalho e a amizade pela melhor oferta, ou seja, era subornável. A segunda, o emprego do verbo *ḥḏi*, «infringir», «destruir», «prejudicar», tem implicações jurídicas, uma vez que só se «prejudica um amigo» quebrando regras, ou seja, passando por cima do que é lei; a utilização do substantivo *ḥw-ḥwḥw*, de conotação política, para designar o mal logo seguido do adjetivo *ḥwḥw* para caracterizar o *rḥty*, leva-nos a pensar que toda esta passagem se dirige àqueles que no Primeiro Período Intermediário enveredaram pelo caminho da defesa exclusiva dos seus interesses, em detrimento da estrutura político-administrativa centralizada na figura do rei.

(114) À saída dos armazéns e das fábricas de pão e bolos, deviam juntar-se os mais pobres sempre prontos a aproveitar a boa vontade dos seus funcionários que, por vezes, como no caso deste funcionário, seriam capazes de discutir antes de lhes darem qualquer coisa.

(115) Embora surja, aparentemente, como invocação das capacidades desta ave, capaz de se lançar do alto sobre as presas, apanhando-as no ar, não devemos esquecer que no imaginário egípcio o falcão é um pássaro real.

(116) O verbo *ip*, «avaliar», «examinar», refere-se à avaliação jurídica do caso de Khuenanupu, embora a comparação seja feita com o pastor, para quem certamente as suas ovelhas eram mais valiosas do que o valor que o mercado lhes atribuía.

(117) Esta é a primeira frase em que já não há acompanhamento do papiro R. A última frase deste papiro, correspondendo à B1, 209, foi R 31.8 (antiga 229). Só voltaremos a ter outro papiro em paralelo a partir de B1, 262, já na quinta petição (cfr. R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 30 e ss.).

(118) O verbo *sdm* é aqui empregue com um sentido técnico-jurídico de «escutar o queixoso», isto é, de investigar/avaliar o caso. Para a transliteração desta passagem cfr. A. LOPRIENO, *Ancient Egyptian*, p. 215.

(119) O agressor é o crocodilo que, por sua vez, é encarnado por Rensi, numa comparação com o anterior «crocodilo voraz». Khuenanupu enfrentou Rensi, reprimindo-o e mostrando não se amedrontar. «O crocodilo retira-se» ignorando a questão, mas, como se constata na interrogação seguinte, Khuenanupu vê nesse gesto de abandono a cumplicidade de Rensi e a pretensão de lucrar também com o roubo de Nemtinakht.

(120) É claramente uma intimidação. O que poderá acontecer a quem procede tão mal como Rensi? Com pequenas variantes formais, a ideia de que o futuro anulará o presente transformando-o em passado, está presente em diversos textos da literatura sapiencia (cf. I. E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, p. 348).

(121) Com a construção *ist rf sdm.n.f* voltamos, por momentos, à parte narrativa.

(122) B1, 218 a 287 apresenta-se em colunas.

(123) A construção verbal *sdm.hr.f* é uma forma rara da «flexão sufixal indirecta», que acabou por desaparecer pouco depois da XVIII dinastia (cfr. G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 145-149).

(124) Novamente três características que qualquer juiz deve ter e que Khuenanupu não reconhece a Rensi. As implicações jurídicas são claras: ver, ouvir e ser sensato em relação aos processos jurídicos (o «que lhe mencionam»).

(125) A palavra *sn* levanta dúvidas. Não só se operou a substituição dos caracteres G. V7 (𓂏) e G. N35 (𓂏) pelo carácter G. V1 (𓂏), o que não sendo normal é possível, uma vez que este último pode assumir-se como o fonograma bilítero *sn*, como no lugar do

determinante G. D54 (𐎠) aparece um incompreensível G. M17 (𐎠𐎢), para além de haver ainda o carácter G. X1 (𐎠) que, neste caso, não transliteramos. Em todo o caso não se nos afigura tratar-se de *šnt*, uma vez que, não só se exibem na palavra mais dois caracteres que não são determinativos, como o seu significado, «irritar» ou «enfurecer», foge ao enquadramento do contexto e do contexto, destruindo a lógica de enumeração de funcionários. Poderia ver-se aí também uma tentativa de escrever *šntw*, que significa «aquele que se relaciona com as querelas», isto é, um polícia; ou, ainda, *šnt* que se traduz por *sheriff* (cfr. J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 444; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 15; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 269-270).

(126) Termina aqui a terceira petição, iniciando-se de imediato a quarta. Nela regressarão as lamentações e denúncias directas, com imagens variadas e complexas.

(127) Lit.: «Aquele que está sobre o seu lago». Principal divindade de Nenesu, onde ainda hoje persistem as pedras do seu templo. Tendo adquirido importância durante o Primeiro Período Intermediário, era representada por uma figura antropomórfica masculina com uma cabeça de carneiro encimada por uma coroa semelhante à coroa branca do faraó, *hdt*, ladeada por duas plumas. Na mão direita segurava um *ḥnh* e na esquerda um *wʿs*. Estas características faziam de si não só um deus da fecundidade mas também uma divindade ligada ao poder real, tendo frequentemente epítetos como «rei dos dois países» ou «sobrano dos dois rios», em estreita ligação com Ré, Osíris e Amon. É a confirmação de que, de facto, a história se passa em Heracleópolis (cfr. M. C. PÉREZ DIE, *Excavaciones en Ichnasya el Medina (Heracleópolis Magna)*, Madrid, Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservación y restauración de Bienes Culturales, 1992, p. 17 e Fig. 1 e 2, anexas; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, p. 212; P. VERNUS e E. LESSING, *Dieux de l'Égypte*, Paris, Imprimerie Nationale Éditions, 1998, pp. 34, 54 e 186).

(128) Khuenanupu recomeça novamente com os mais altos elogios tentando aproveitar o clima do momento: Rensi sai purificado do templo e o seu estado de pureza é propício a Khuenanupu que vê nele a sua ligação aos deuses. Isto é, tenta que a momentânea pureza moral de Rensi lhe resolva o seu caso.

(129) Mas Khuenanupu não perde tempo e avança de imediato com os seus lamentos, afirmando que já não há justiça no Egipto. Partindo da generalidade, aumenta progressivamente as suas lamúrias até se fixar agressivamente em Rensi.

(130) A leitura e tradução desta expressão foi inicialmente feita por Gardiner, o primeiro a concordar que, embora sendo uma construção difícil, não deixa de ter lógica: o rio tem de ser vencido mesmo que a barca esteja do outro lado. A pé é impossível. Compara-se o processo judicial a uma travessia a realizar nas melhores condições (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 15).

(131) Isto é, a pé.

(132) Quer dizer: «dormir toda a noite descansadamente», ou seja, em paz e segurança. Com o caos instalado na terra quem o consegue? Nos textos I e III de Senuseret III, literatura religiosa de meados do Império Médio, hinos para Lichtheim e canções para Simpson, surge expressa esta ideia: «Aquele que deixa o povo dormir até o dia clarear» e «Quão grande é o senhor desta cidade: ele é um quarto quente que deixa cada homem dormir até amanhecer». Portanto, o rei e, por extensão a sua administração, eram o garante da tranquilidade da população. São postos em causa nesta frase interrogativa e o melhor é «perecer». O verbo (*hdi*) é o predicado das três frases explicativas que se seguem: caminhar enquanto se devia descansar, viajar nas horas menos próprias para o fazer no deserto e não ter quem o defenda (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I,

pp. 198 e 199; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, New Haven/London, Yale University Press, 1973, pp. 282-283).

(133) São duas frases que Khuenanupu já tinha dirigido a Rensi nas linhas B1, 148 e 149, sem com elas ter obtido qualquer proveito, o que reforça a ideia da desagregação da justiça e instalação do caos.

(134) Lit.: «lava o seu coração».

(135) Por um lado, Khuenanupu põe em relevo a valentia de Rensi evocando-o como um caçador que domina todos os habitats naturais: água, terra e ar, ou seja, o universo. Por outro, faz dele um predador, dando-lhe a entender que se ocupa tanto com estas actividades que nem de tempo dispõe para administrar a justiça.

(136) Como já vimos, para os Egípcios o coração era o centro da inteligência. Nesta perspectiva, «leve de coração» significa «leve de pensamento», «inteligente»; «que seja pesado» quer dizer «vagaroso a mover-se»; e «em relação aos seus apetites» interpreta literalmente «a intenção do corpo» (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 83). É a velocidade vista como ponderação e perigo.

(137) Não parece uma questão tão pacífica quanto Suys afirma, tentando demonstrar que o significado de *grw* é, indiscutivelmente, «silencioso». De facto, tanto Faulkner como Gardiner traduzem a palavra por «homem silencioso» e «silenciosamente», pondo o segundo em questão a sua própria opção. Por sua vez, Parkinson, traduz *grw* por «calmamente» e, por seu lado, Lichthem, dá-lhe o significado de «humildemente». Optámos por esta última hipótese porque julgamos que um homem que «chora muitíssimo» ao ponto de o mandarem calar, que é espancado e que não desiste até à nona petição, alternando entre um tom elogioso com outro ameaçador, não é certamente um homem silencioso, nem calmo. Persistência sim, calma não. Pelo contrário, quem pede a devolução dos seus bens a alguém que lhe é superior, ainda que tendo razão, deve posicionar-se com certa humildade para facilitar a sua obtenção (É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 131; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 290; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 68; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 178 e 183).

(138) É, sem dúvida, um apelo à percepção de Rensi que, até aqui, parece inexistente e que, a revelar-se, só lhe pode trazer más consequências. Implícita ou explicitamente, há sempre no ar uma ameaça. O verbo *sgmh* é a forma causativa do verbo *gmh*, frequentemente mais usado para a percepção intelectual do que para a percepção visual (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 252 e 289; E. PERRY, *A Critical Study of the Eloquent Peasant*, pp. 392-392).

(139) Isto é, «e os seus problemas duplicarão».

(140) Princípio da causalidade.

(141) «Aquele que agiu» e mal é o criminoso. É o julgamento do próprio juiz. A palavra composta *wḏ^c-rwt* designa um determinado tipo de juiz cujas funções precisas são desconhecidas. Similares a esta, há no entanto, outras designações cujas funções são conhecidas. São os casos de *wḏ^c-mdwt*, «juízes de assuntos correntes» e *wḏ^c-m³t₁*, «juízes em direito puro», respectivamente magistrados dos pequenos assuntos quotidianos e magistrados das leis, isto é, dos processos mais complexos (*Ibidem*, p. 399).

(142) É, certamente, uma metáfora náutica, uma vez que *pnk* quer dizer «despejar a água do barco». A frase seguinte explicita esta, afirmando que Rensi está prestes a naufragar, o que significa que o seu trabalho não é bem desempenhado. A construção da frase assemelha-se à das duas anteriores, sem qualquer pronome que permita traduzir por «tu que despejas a água». Provavelmente era um insulto relativamente à modéstia da tarefa.

- (143) Nesta perspectiva o sol é prejudicial porque queima e desseca.
- (144) É um final extraordinariamente violento e, até aqui, o pior momento para Rensi.
- (145) E com esta interrogação de desespero, na qual se constata quanto Khuenanupu se apercebe da incapacidade de Rensi para resolver o seu problema, termina a quarta petição.
- (146) É curioso que, mantendo-nos sempre no papiro B1, nas três primeiras petições as frases que iniciam os discursos apresentem a sucessão G. A20/G. A1/G. V30/G. A1, e nas petições de cinco a oito G. A20/G. V30/G. A1/G. A1. Ainda que pudesse, efectivamente, ter ocorrido uma troca de caracteres por parte do escriba, *wr* pode escrever-se abreviadamente sem determinante e *nb* com determinante. Em qualquer dos casos é G. A1. O segundo carácter G. A1 é o pronome sufixo. A quarta petição é a única onde não é apresentado este tipo introdutório e a nona, já em B2, exhibe um misto das duas situações G. A20/G. A1/G. V30/G. A1/G. A1 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 16, 22, 27, 31, 33, 34, 37, 41 e 46; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 8*, 10*, 14*, 18*, 20*, 22*, 24* e 28*).
- (147) Faulkner afirma tratar-se de um tipo de pescador. Gardiner e Lichtheim opinam por um pescador de determinada qualidade de peixe. Parkinson vê nesta palavra um fabricante de redes e para Perry é um tipo de pescador com rede para determinado peixes (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 187; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 178; E. PERRY, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 418; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 69).
- (148) Parkinson, na transposição do demótico para o hieroglífico, avança a hipótese de se tratar da palavra peixe, *mhyt* (). De qualquer modo, só é possível confirmar os caracteres finais: G. K1, determinativo que sendo o da palavra peixe não se translitera; e G. Z2, determinativo do plural que, pelo facto da palavra ser feminina, igualmente não é transliterável. Daí que discordemos de Gardiner e de Lefebvre, que fazem constar das suas traduções a terminação *yw*. O segundo vai ao ponto de introduzir a palavra «pescador» sem se saber ao certo se, implícita ou explicitamente, se encontra no texto. Divergimos igualmente de Parkinson que, na tradução do conto, apresenta as duas últimas letras da palavra «fisher». Suys apresenta *iiv*. Seguimos o cauteloso critério de Lichtheim e deixamos um espaço em branco (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 33a; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 114; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 61; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 69; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 178; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 139).
- (149) A palavra tanto significa «pescador» como «passarinheiro», isto é, «aquele que caça pássaros», actividade para a qual se usavam armadilhas de rede, conforme se pode observar nalguns relevos ou frescos da arte egípcia. Também aí se encontram diversas representações de pesca e diferentes tipos de rede, nomeadamente de arrasto que, com os seus pesos a rojar o fundo, colhiam grande quantidade de pescado e danificavam, possivelmente, o leito do rio. Afastamos, assim, a hipótese de Lichtheim, que propõe «peixe *wḥt*», pois, se traduzirmos por *wḥt*, isto é, *synodontis schall*, o único destes peixes identificável, não se entendem os danos que a sua captura provocaria no rio. Quando muito seria um risco para os pescadores, devido à existência de um espigão no dorso, erguido como autodefesa quando atacado (cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, p. 193; cfr. R.-M. e R. HAGEN, *Egipto: Pessoas – Deuses – Faraós*, Colónia, Taschen, 1999, pp. 96-97; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 178 e 183; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 66; P. F. HOULIHAN, *The Birds of Ancient Egypt*, Warminster (England), Aris & Phillips, 1986, pp. 11, 67-69, 75, 119;

D. J. BREWER e R. F. FRIEDMAN, *Fish and Fishing in Ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1990, pp. 21-46 e 67-68).

⁽¹⁵⁰⁾ Rensi é comparado a cinco tipos específicos de pescadores que matam e destroem selvaticamente os peixes e o próprio rio. Para além de se tratar da quinta petição, ocorre um novo paralelismo com as cinco titulaturas reais.

⁽¹⁵¹⁾ Quando Khuenanupu afirma «não roubes a um pobre os seus bens» não está a afirmar que Rensi o faz de forma directa, mas que, negligenciando a justiça, é conivente com o roubo de que tinha sido alvo. Assim como a afirmação «um fraco (homem) que tu conheces» significa também que se deve interessar por ele, uma vez que o conhece e ao seu caso. As linhas B1, 262 e B1, 263, são acompanhadas pelo fragmento F do papiro B2 (Papiro Amherst II – fragmento F-G de B2), bastante degradado (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 33 e 34).

⁽¹⁵²⁾ A respiração funciona aqui como uma metáfora para justiça.

⁽¹⁵³⁾ Mais uma vez o juiz surge como símbolo da justiça, como balança, num apelo às responsabilidades de Rensi.

⁽¹⁵⁴⁾ Novamente um conjunto de regras de comportamento para os juizes, abundante de termos técnico-jurídicos, onde se aborda também a oposição entre os conceitos de bem e mal.

⁽¹⁵⁵⁾ A brevidade e simplicidade da quinta petição funcionam na estrutura do conto como uma charneira: quatro petições para cada lado e ponto da situação, explícito e completo.

⁽¹⁵⁶⁾ Seguindo a percepção de Gardiner, Lefebvre vê aqui um salto de uma linha por parte do escriba ao copiar o papiro. Contudo, Lichtheim alerta para o facto de em vez da frase terminar incompleta em *nb*, esta palavra ser um ditógrafo que, ao ser considerado excedente, permite uma leitura contínua. Parkinson não se detém nesta questão. E para Faulkner *bw nb* significa «toda a gente», remetendo para a Gramática de Gardiner que confirma tratar-se de uma hipótese, ainda que se admita supressão dos determinativos de pluralidade (), como noutros casos já detectados neste texto. Suponha-se também e a título de hipótese a intenção de registar a expressão «para tudo»! Parece-nos, entretanto, faltar a palavra *bin* na conclusão da frase, depois de *bw*, uma vez que *bw* é estranha à frase seguinte e na expressão *bw bin* forma o substantivo «mal», omissão na tradução. Aliás, Suys, assinala esse lapso propondo duas outras hipóteses (*hwrw* e *dw*) que, do mesmo modo que *bin*, também formam o substantivo «mal» com *bw* (*Ibidem*, p. 34; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 16; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 62; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 69 e 83; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 178 e 184; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 81, 129, 166 e 320; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 60; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 147, 22* e 23*).

⁽¹⁵⁷⁾ As linhas B1, 275 a B1, 278 são acompanhadas pelo fragmento G do papiro B2 (Papiro Amherst II – fragmento F-G de B2), bastante degradado. A partir de B1, 279 passamos a utilizar também o papiro B2 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 34 e ss.).

⁽¹⁵⁸⁾ Sobre as linhas desta petição, Parkinson é de opinião de que algumas «imagens incluem frases reminiscentes dos ideais éticos das Autobiografias» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 83).

⁽¹⁵⁹⁾ Lit.: «pensa vendo com a tua cara».

⁽¹⁶⁰⁾ A mesma frase na segunda petição, linha 132 (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 19).

(161) Cfr. A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 17.

(162) Quer dizer: «se tomaste uma decisão então partilha-a com o teu próximo».

(163) Contrariando Gardiner, Suys afirma, justificadamente em nosso entender, que *wgyt* não deve ser considerada uma metáfora, mas vocativo com valor de epíteto, uma vez que, pelo contrário, Rensi não se decide falar. Lembramos que, por regra, os epítetos retratam o essencial de alguém pela positiva e nunca pela negativa. Muito menos com uma tão elevada carga de cinismo. Daí não ser natural Khuenanupu chamar «palrador» a alguém cuja principal característica era o silêncio. Do ponto de vista contextual, ou até cultural, estaria mais correcto, por exemplo, um epíteto do tipo «silencioso» (*Ibidem*, p. 17; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 152).

(164) Em B1, 288 inicia-se a escrita no verso do papiro. B1, 288 a 335 está escrito em colunas de linhas horizontais.

(165) O verbo *smi* é um termo técnico-jurídico que significa «dar a resposta oficial». Quer isto dizer que Khuenanupu não pretende apenas uma simples reacção humana mas, mais do que isso, exige uma reacção oficial (E. PERRY, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 448).

(166) Nesta passagem, as linhas 290 e 291 de B1 diferem das suas correspondentes 12, 13 e 14 de B2, o que dificulta a tradução. Há até na introdução da frase seguinte — segunda metade da linha 291 de B1 — uma expressão a mais em B2, no início da linha 14: *iw rht*, ou seja, «sabe-se que». A falta de coincidência entre B1 e B2, observa-se noutras passagens, mas apenas assinalamos as que originam alterações significativas (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, p. 36).

(167) Na expressão que exprime a totalidade, falta um carácter no papiro B1. No papiro B2 está correcta (). Uma outra divergência entre os papiros deve-se ao facto de à palavra *ḳ3* de B1, corresponder em B2 a expressão *ḳ3 n bw nb*, com valor de epíteto: «aquele que é honesto para toda gente» (*Idem*, pp. 36-37). A segunda hipótese é mais redutora, uma vez que se dirige directamente a Rensi; enquanto que em B1 tem um sentido mais lato, oferecendo uma panorâmica do Egipto antes da reunificação, isto é, do conturbado Primeiro Período Intermediário.

(168) Esta palavra, que Faulkner traduz como «negociante», «comerciante de vinhos», Gardiner atribui-lhe o significado literal de «jardineiro», tradução que Faulkner apresenta para *ḳ3ry* (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 284; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 17).

(169) A expressão *t3 r drf* é frequente em textos profanos de conotação política, do princípio do Império Médio. «Toda a terra» transmite a ideia da recente reunificação do Alto e do Baixo Egipto e, por oposição, expressa a sua discordância ao divisionismo existente no período imediatamente anterior. Como se deduz da frase seguinte, Rensi, tal como o rei, tem todo o poder para conduzir os acontecimentos, primeiro os que respeitam a Khuenanupu e depois ao país, asserção que também veicula a ideia de centralização de poder, inerente à monarquia teocrática egípcia (E. PERRY, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 466-467).

(170) Ou seja, «que não é parcial». Nesta sétima petição, Khuenanupu volta ao problema das inter-relações cósmicas e sociais, discorrendo sobre a oposição entre certo e errado, reflectindo-a em si e em Rensi. Contudo, ao contrário da terceira petição Rensi já não é um deus mas um «irmão do deus». Como Tot representava a divindade-referência para os juízes no Egipto faraónico, transmite mais uma mensagem que pretende vincular os magistrados à dignidade das suas funções.

(171) Lit.: «o de rosto largo tornar-se-á muito estreito de coração».

(172) Curiosa frase: Khuenanupu afirma-se um companheiro de quem Rensi terá pena de se separar.

(173) Depois de *ib* foram escritas e apagadas duas linhas no papiro B1 que não constam do papiro B2, mas que Parkinson decifrou. Suys, também não as inclui. Agiremos do mesmo modo (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 38 e xviii; É. SUYS, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, p. 24*).

(174) Khuenanupu opõe directamente ao saqueador o humilde saqueado, do lado de quem está a justiça.

(175) Khuenanupu faz sentir a imperiosa necessidade de falar.

(176) Nova passagem com metáforas náuticas, tão do agrado de Khuenanupu. Há, no entanto, uma dificuldade acrescida na interpretação desta passagem. Para além da possibilidade de obtermos uma série de actividades náuticas, é também possível uma visão mais prosaica, relacionada com necessidades fisiológicas. Suys opta claramente por esta: «... eu paro, eu comprimi a minha necessidade de urinar... (mas) eu dei ar ao que havia no meu ventre, eu lavei a minha roupa salgada!» (*Ibidem*, p. 163). Caso tenha havido intencionalidade para permitir esta dupla leitura, o facto só revela a aflição a que chegara Khuenanupu.

(177) Segunda frase bastante curiosa nesta sétima petição: Khuenanupu está satisfeito com o seu desempenho, dando a entender que o melhor é Rensi tê-lo em consideração pois, provavelmente, não encontrará mais ninguém honesto, detentor da verdade.

(178) É o registo do total falhanço de Rensi devido à sua absoluta inércia e pouca humanidade.

(179) Estranho elogio à capacidade criadora dos magistrados, donde obviamente se exclui Rensi. A estranheza sobressai da última afirmação, em que os magistrados se viam na necessidade de, para aiém do cumprimento do mandato, terem que solucionar questões aparentemente insolúveis, como se estivessem investidos de poderes para operarem milagres. Possivelmente trata-se de uma forma de expor a profunda diferença existente entre o ideal e o real.

(180) A oitava petição é a que apresenta o mais longo e explícito discurso de *maat*, que está agora, indiscutivelmente, com Khuenanupu e não com Rensi.

(181) A cobiça provoca uma grande queda e Rensi é enquadrado nesta ideia através da ganância e do roubo.

(182) Sem contenção verbal, declara expressamente o que já vinha afirmando desde o princípio: até o mais alto funcionário administrativo que não se comporte segundo *maat* é equiparado aos mais vis elementos da sociedade.

(183) Segue-se, novamente, a declaração de que Rensi abusa do seu poder e age de forma incorrecta relativamente às suas funções.

(184) A expressão *m-hnw mrrt* significa lit.: «dentro da rua». Quer dizer que, com a frase completa Khuenanupu pretende transmitir que outro queixoso como ele será difícil de encontrar. Pela segunda vez neste conto aparece uma frase que exprime plena confiança nas suas qualidades ímpares.

(185) Nesta frase de dez palavras quatro são iguais: *maat*. Este jogo de palavras, provavelmente com alguma ligação à estrutura poética do texto, levanta-nos, entretanto, problemas de tradução, sobretudo nas duas últimas repetições. Também é viável a leitura «aquele que tem a verdade e a justiça».

(186) O Senhor da Justiça é o deus-criador Ré, «aquele que vive através da justiça» e a quem pertencem os pratos da balança, a verdadeira justiça. Mas, ao comparar Rensi com os instrumentos de Tot, o escriba de Ré, dá-se corpo à ideia de Rensi ser um agente dessa verdade suprema (a escrita dá «corpo» a ideais): Ré → Tot → Rensi. Mas é uma incarnação imperfeita devido ao seu comportamento, totalmente inadequado à sua posição e que, associando Tot, é evocado como impróprio de um homem de bem: «mantém-te afastado do mal». Ao que se segue um ensinamento que reforça o ideal de virtude do homem que age bem. É também uma frase cuja tradução se torna difícil. Parkinson sugere: «Só a bondade do homem bom é boa para ele»; Fecht: «...pois bom é o bem precisamente do bem!»; Lefebvre: «Quando o que está bem está bem, então está bem!»; e Gardiner só altera a pontuação final: «Quando o que está bem está bem, então está bem.» Toda a segunda parte desta oitava petição encerra o discurso de *maat*. B1, 336 a 357 estão escritos em colunas (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 73; G. FECHT, «Bauerngeschichte», em *LÄ I* (1975), Wiesbaden, Otto Harrassowitz, col. 638-651, col. 641; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 66; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 19).

(187) Faulkner apresenta a expressão *tp(y)-t3* () para o substantivo «sobrevivente»; Allen a variante *tpi-t3* (); e Gardiner o plural *tpyw-t3* (), que traduz por «os que vivem», mas nenhum apresenta qualquer verbo associado. Por outro lado, as traduções de Gardiner, Lefebvre, Lichtheim e Parkinson desprezam a presença de *tp*. Assim, tendo em conta a inexistência de qualquer determinativo de pessoa, parece-nos mais lógica a nossa tradução do que «o seu nome de rosto», que se reduz a «o seu nome» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 298; J. P. ALLEN, *Middle Egyptian*, p. 470; A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 600; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 20; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 66; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature, I*, p. 181; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 73).

(188) É uma evocação do deus primordial, criador da justiça, que conclui a parte do discurso de Khuenanupu onde *maat* transcende o mundo e a sua ordem social para entrar na Duat, na qual se reflectia o resultado de uma vida de acordo com *maat*.

(189) Regresso à metáfora da balança com alusões múltiplas: lembram que o ideal de *maat* se verifica no perfeito equilíbrio dos pratos; que Rensi é juiz; que Khuenanupu tem direito a um julgamento justo; e, até, que o comportamento dos homens será julgado depois da morte, na balança divina.

(190) Equivalente a: «quem quer que esteja naquela situação». O discurso de Khuenanupu exprime, agora, alguma condescendência por Rensi que se mantém silencioso. Mas, depois de o ter insultado, o camponês diz que está apenas a afastar-se de *maat*.

(191) Eis uma frase cujo teor contraria a acção que exprime. É evidente que Khuenanupu já afirmara ser «um homem silencioso» que vinha falar a Rensi, demonstrando o respeito devido por um indivíduo de condição social inferior a outro de condição superior, mas há muito que, com as suas petições, deixara de ser «um homem silencioso». Em nosso entender, trata-se de mais uma regra de conduta veiculada através deste conto e que deve passar para a opinião pública, do que uma análise da situação relatada.

(192) B2 apresenta uma frase a mais em relação à linha B1, 348.

(193) Lit.: «tu não me dás pagamento».

(194) Parece-nos uma confissão de autoria do conto. Quem mais senão o próprio faraó se atreveria a encarnar Ré? Um camponês? Em todo o caso, o «discurso perfeito» de Khuenanupu é uma incarnação de Maat posta por Ré na boca do camponês eloquente,

aliados contra Rensi, que assim deixa de ser um representante do divino. Afirma-se aqui a doutrina da reciprocidade que, com a da solidariedade social, constituem princípios básicos de *maat*.

(195) B2 apresenta uma frase a mais, em relação à linha B1, 351. Na tentativa de maior fidelidade à língua portuguesa, chegámos a pensar traduzir a primeira *maat* por «verdade» e a segunda por «justiça», mas como a justiça é alheia a factores de grandeza, devendo simplesmente ser justa, percebemos que o que estava em causa eram os princípios fundamentais do «dizer e fazer Maat», isto é, a solidariedade comunicativa e a solidariedade activa.

(196) Tal como hoje, o zero das balanças era aferido pela norma que regulava com equidade o equilíbrio dos seus pratos, perfeitamente à mesma altura. Quando esse equilíbrio se não verificava o resultado era falso. À imagem da balança, também para cumprir *maat* era necessário um equilíbrio absoluto.

(197) A oitava petição termina com mais uma metáfora náutica que, em conjunto com a anterior imagem das balanças, nos reconduzem ao nível do ideal. Contudo, não deixa de ser uma ameaça de morte para Rensi.

(198) É nesta frase que passamos a fazer uso do papiro B2, cuja numeração não sofreu qualquer alteração, coincidindo as duas contagens que temos feito desde o início.

(199) Estas duas frases querem dizer que, embora seja pela linguagem que um homem se trai, são os pratos da balança que confrontam o que se pesa num prato com os pesos colocados no outro, ou seja, a importância do que se diz depende do equilíbrio do discurso.

(200) É mais um apelo à justiça de Rensi.

(201) A linha B2, 95 está incompleta porque neste local o papiro está danificado, tornando-se incompreensível. Gardiner alvitra a possibilidade de faltarem as palavras *bin tm*, mas Perry sugere um restauro com a construção que encontramos em B2, 98: *ir šm grg* (A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 24; E. PERRY, *Étude sur le conte du fellah plaideur*, pp. 526-527).

(202) Lit.: «para se pôr num nível com ela».

(203) É completamente duvidoso o carácter que se encontra no espaço deteriorado, o que torna a frase ilegível (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 46 e 46a; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 24). Contudo, nesta confrontação entre a verdade e a mentira, vê-se que a mentira não pode existir sem a verdade, nem pode prevalecer em relação a esta. A verdade é-lhe superior porque a mentira é apenas a sua negação e o impedimento da sua prosperidade.

(204) Isto é, «quando falecer». Temos aqui o paralelismo entre a viagem da mentira e o percurso da vida de qualquer egípcio, que se prolonga para além da morte. É o mesmo imaginário de navegação, de passagem, de viagem.

(205) Surge aqui a enunciação do castigo divino para o comportamento de Rensi e de Neminakht, impedidos de atingirem a eternidade.

(206) «Não escutes o teu coração» quer dizer: não realises o teu desejo, a tua vontade. Como antes afirmámos, para os egípcios era exactamente no coração que «residiam» os mecanismos do desejo e da vontade. Aliás, era para ele que transferiam todas as actividades cerebrais.

(207) Isto é, «não vejas». Expressão semelhante em B1, 198.

(208) Um conjunto de frases imperativas negativas (*negativa + infinitivo*) construídas de modo a que a segunda parte (*šdm.f* e *šdm.f r šdm.n.f*) seja a antítese da primeira, e sumariam

as principais atitudes que o camponês criticou a Rensi: inércia, demora, desprezo e parcialidade.

(209) Estamos em presença das doutrinas da reciprocidade e da solidariedade social, princípios básicos de *maat*. Khuenanupu que ajudou Rensi a atingir a verdade deve ser pago com a justiça, tanto mais que a posição de Rensi o obriga a tal procedimento.

(210) Expressão semelhante em B1, 300-301.

(211) O indolente não tem passado para ser recordado, não tem memórias, não tem reputação.

(212) O avarento ao não cumprir *maat* põe em causa a sua eternidade.

(213) É uma frase ambígua. Ou Khuenanupu põe uma vez mais em relevo a troca de papéis entre si e reforça o seu acto como duplamente criminoso, que lhe custara os bens e está prestes a ceifar-lhe a vida; ou põe em evidência o silêncio de Rensi com o mesmo resultado prático. Rensi ou Nemtinakht, um deles é o adversário «assassino» e Khuenanupu o «miserável queixoso».

(214) Lembremos que Khuenanupu é «aquele que Anúbis protegeu». Desde a sua apresentação em R, 1.1 que, ao contrário de outros, o seu nome não voltou a aparecer. Ao surgir como a última palavra da nona petição, encerra o processo que o seu nome abre.

(215) Khuenanupu reconhece que Rensi está perto de concluir o caso, mas da pior maneira para si. Chamando a Rensi «homem sedento» e «criança» (talvez com a ideia subjacente de infantilidade ou inconsciência), diz que o grande intendente sempre teve a ideia de lhe pôr fim à vida.

(216) Com esta frase Rensi reocupa o lugar de autoridade que lhe é devido.

(217) Aparentemente, parece um lapso do escriba que, em vez de *dd*, escreve *rdi*. Lefebvre, seguindo Gardiner, aconselha a troca. Contudo, por serem duas grafias tão diferentes, surge-nos a ideia de poder não se tratar de erro e de *rdi* ter o sentido de «enviar». Faulkner apresenta este significado em relação a cartas, missivas. Com a confissão de Rensi, Khuenanupu «enviou-lhe» a resposta, com o sentido de «atirou-lhe», «disparou». Daí que optássemos por «respondeu» em vez de «disse» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 69; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 21; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 155).

(218) Lit.: «um rosto onde eu vivo!».

(219) Neste caso não há dúvida em relação à expressão «tua cerveja». Contexto e cotexto assim o indicam e o espaço existente é à medida dos caracteres que faltam:  (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 48 e 48a).

(220) Não é totalmente certo que haja alguma lacuna no final da linha 128, mas subsistem dúvidas (*Idem, ibidem*).

(221) Possivelmente nada falta no final da linha 129 (*Idem, ibidem*).

(222) O julgamento é finalmente colocado no respectivo nível de autoridade e surge a solidariedade social, com relevo para a reciprocidade. Cumpriu-se *maat*. Esta rápida conclusão põe em evidência dois factos: a eficácia da autoridade egípcia e a importância de *maat* como seu suporte.

(223) Para a reconstituição das lacunas desta parte final, completamos a nossa análise contextual, com as indicações de Parkinson, Gardiner e Lefebvre. Para o vazio que há nesta linha, por exemplo, os dois primeiros concordam com o restauro de

 . Em todo o caso há alguma incerteza, própria da inexistência de parte do texto (*Ibidem*, p. 48a; A. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 25; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 75; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 69).

(224) Parte-se do princípio que seria a palavra  .

(225) Parte-se do princípio que seria a palavra  .

(226) Embora não haja a certeza de quantos caracteres ou grupos de caracteres se perderam, esta última linha é o início do cólofon que, completo, deveria ocupar toda a linha 124. O cólofon obedecia a uma fórmula específica que se encontra completa, por exemplo, na *Aventura de Sinuhé* ou no *Conto do Naufrago*. Era a prova de que o texto em causa tinha sido copiado na íntegra (R. B. PARKINSON, *The Tale of The Eloquent Peasant*, pp. 48 e 48b; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 43 e 98; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 25 e 40; P. LUINO, *La véritable histoire de Sinouhé*, Paris, Éditions La Maison de Vie, 2001, pp. 85 e 140; M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse (le conte du naufragé)*, Paris, Éditions La Maison de Vie, 1995, pp. 58 e 88).